



Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação em Linguística e Línguas Indígenas –
Modalidade Profissional**

POLÍTICA LINGUÍSTICA, LÍNGUA MACUXI E COMUNIDADE SÃO JORGE

Irani Barbosa dos Santos
Xiu Xiu

2025



**Programa de Pós-graduação em Linguística e Línguas Indígenas –
Modalidade Profissional**

POLÍTICA LINGUÍSTICA, LÍNGUA MACUXI E COMUNIDADE SÃO JORGE

Irani Barbosa dos Santos
Xiu Xiu

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Linguística e
Línguas Indígenas – Modalidade Profissional,
como quesito para a obtenção do Título de
Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

S237p Santos, Irani Barbosa dos
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade
São Jorge / Irani Barbosa dos Santos (Xiu Xiu). – Rio
de Janeiro, 2024.

117f. : il. (color.)

Orientador: Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2024.

1.Línguas Macuxi. 2. Comunidade São Jorge. 3. Identidade etno-discursiva. 4. Revitalização linguística. 5. Análise do discurso. I. Souza, Tania Conceição Clemente de. II.Título.

CDD498

**Programa de Pós-graduação em Linguística e Línguas Indígenas –
Modalidade Profissional**

POLÍTICA LINGUÍSTICA, LÍNGUA MACUXI E COMUNIDADE SÃO JORGE

Irani Barbosa dos Santos
Xiu Xiu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional, como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

Examinada por:

Dra. Tania Conceição Clemente de Souza (orientadora) – Museu Nacional/UFRJ

Dra. Marci Fileti Martins – Museu Nacional/UFRJ

Dra. Isabel Maria Fonseca Gondinho – Instituto Insikiran/UFRR

Dedico este trabalho a minha comunidade indígena São Jorge, terra indígena Raposa Serra do Sol e in memoriam de minha carinhosa, guerreira e amada mãe Leonilde Maria Barbosa, in memoriam do meu querido tio, Severino Barbosa, do povo Makuxi que muito nos ensinou em vida a lutar pelo nosso povo e que foi um livro da sabedoria indígena.

Agradecimentos

Agradeço ao meu Deus maravilhoso. Obrigada Deus!

Agradeço aos meus protetores espirituais Maruwai e Insikiran por ter me fortalecido emocionalmente e espiritualmente para que eu pudesse concluir este maravilhoso trabalho.

Agradeço imensamente a minha família as minhas irmãs Marinildes, Clotilde, Iranilde e meu irmão Sergio que nos momentos de dificuldade me incentivaram a continuar. Acredito que não foi fácil esses últimos anos com relação à saúde com a covid -19, houve desespero, choramos juntos e foi superado. Ao meu filho do coração Lucas Henrique pela compreensão e carinho.

A minha eterna gratidão à comunidade indígena São Jorge, do povo Makuxi que sempre me incentivou, apoiou e colaborou nos meus estudos sem vocês seria difícil concluir. Sou grata por tudo!

Agradeço aos consultores da comunidade que me receberam muito bem em suas casas, sentaram, sorriram, contaram suas histórias sua sabedoria.

Agradeço carinhosamente à professora de língua Makuxi Clenilde da Silva, pois sempre me ajudou a compreender melhor o estudo da língua Makuxi.

Agradeço às organizações indígenas, em especial, à Organização dos Professores Indígenas de Roraima, que me apoiou para concorrer o mestrado.

Agradeço a minha orientadora Drª. Tania Conceição Clemente de Souza, pela paciência, reflexão e orientação. Que me fez repensar alguns conceitos sobre o povo indígena, o que me trouxe a memória e história guardada de um povo em especial a língua Makuxi. Sem a sua orientação durante todo esse processo não teria obtido êxito nesta etapa da minha formação acadêmica.

O meu agradecimento também à professora Drª Marci Fileti Martins que aceitou com muito carinho participar da minha banca de defesa.

A minha gratidão à professora Drª Isabel Maria Fonseca Gondinho que aceitou com muita alegria participar da minha banca de defesa.

Agradeço aos professores e professoras do PROFLLIND (UFRJ) pelo incentivo e aprendizado durante este período. O curso é de grande importância para os povos indígenas.

Resumo

Nosso trabalho tem como principal objetivo contribuir às iniciativas de revitalização da língua Macuxi na Comunidade São Jorge. A curto prazo, pretendemos investir num projeto de política linguística. Para tanto, buscamos, através de entrevistas, fazer aqui um mapeamento do grau de fluência da língua, atendendo aos seguintes objetivos: (i) Refletir sobre essa situação, buscando empreender uma política de largo alcance da revitalização da língua Macuxi e (ii) Investir em projeto dando ênfase ao estudo do Macuxi com diferentes atividades: ouvir os que têm mais fluência na língua; ouvir os lembraores com relatos diversos sobre o povo e a cultura Macuxi. Em termos teóricos, seguimos a escola materialista de Análise de Discurso, recortando os conceitos principais no âmbito de Política Linguística, a fim de se empreender uma *política de língua* elaborada pelos indígenas, esperando, assim, atender aos reais interesses destes. Para a reflexão sobre o grau de fluência, em número de indivíduos, adotamos, por vezes, trabalhos na área de Política Linguística, propostos pela Sociolinguística de base europeia e outros propostos, *sobretudo*, pela Análise de Discurso, quando aí as políticas linguísticas se tornam o foco de discussão. As nossas estratégias de análise se pautaram pela tabulação das 36 entrevistas obtidas de forma espontânea, colhidas presencialmente e com autorização para usar os dados das entrevistas. Esse total corresponde a 36 consultores divididos por três faixas etárias diferentes: 07 a 20 anos; 21 anos a 40 e 41 anos ou mais. O conteúdo das entrevistas ficou agrupado em três questões: uma de múltipla escolha, contendo 10 opções de resposta, podendo ser assinalada mais de uma opção; outra também de múltipla escolha, com 4 opções de resposta, podendo também se assinalar mais de uma opção e uma terceira discursiva, para a qual se solicitava justificar a resposta dada na pergunta dois. A análise desse material se efetuou de forma quantitativa e qualitativa, tomando como base teórica para a análise os conceitos apresentados no capítulo 1 e outros explorados no corpo das nossas reflexões. A análise das respostas discursivas foi feita a partir da proposta de Courtine (2016), quando considera que, após a estruturação do corpus, chegamos ao que se pode considerar uma montagem discursiva, a qual é estruturada em sequências discursivas (**SDs**), sendo estas possíveis de recortes. As principais conclusões a que chegamos são: o Macuxi é fluente nas situações de interlocução, comunicação e de reafirmação da cultura do povo. As línguas, quando silenciadas, não se calam, não morrem, migram para serem ouvidas nessas situações específicas. E são essas práticas discursivas que sustentam a memória das línguas e dos povos de oralidade. São essas práticas que também permitem reafirmar o conceito de identidade etno-discursiva, quando nos vemos como falantes de uma língua indígena e, por questões históricas, usuários do português.

Palavras-chave: Língua Macuxi. Comunidade São Jorge. Identidade etno-discursiva. Revitalização linguística. Análise de Discurso

Abstract

Our main objective is to contribute to initiatives to revitalize the Macuxi language in the São Jorge Community. In the short term, we intend to invest in a language policy project. Therefore, we seek, through interviews, to map the degree of fluency of the language, meeting the following objectives: (i) Reflect on this situation, seeking to undertake a wide-ranging policy for the revitalization of the Macuxi language and (ii) Invest in a project emphasizing the study of Macuxi with different activities: listening to those who are more fluent in the language; listen to the rememberers with different stories about the Macuxi people and culture. In theoretical terms, we follow the materialist school of Discourse Analysis, cutting out the main concepts within the scope of Language Policy, in order to undertake a language policy drawn up by indigenous people, thus hoping to meet their real interests. To reflect on the degree of fluency, in number of individuals, we sometimes adopt works in the area of Linguistic Policy, proposed by European-based Sociolinguistics and others proposed, above all, by the materialist school of Discourse Analysis, when language policies become the focus of discussion. Our analysis strategies were based on tabulating the 36 interviews obtained spontaneously, collected in person in the São Jorge community and with authorization to use the interview data. Thus, this total corresponds to 36 consultants divided into three different age groups: 07 to 20 years; 21 years to 40 and 41 years or more. The content of the interviews was grouped into three questions: one multiple-choice question, with 10 answer options and more than one option; another multiple-choice question, with 4 answer options and more than one option; and a third discursive question, which asked for justification of the answer given in question two. This material was analyzed quantitatively and qualitatively, taking as a theoretical basis for the analysis the concepts presented in Chapter 1 and others explored in the body of our reflections. The analysis of the discursive responses was based on Courtine's (2016) proposal, which considers that, after structuring the corpus, we arrive at what can be considered a discursive montage, which is structured in discursive sequences (DSs), which can be cut out. The main conclusions we reached are that Macuxi is fluent in situations of interlocution, communication and reaffirmation of their culture. Languages, when silenced, don't fall silent, they don't die, they migrate to be heard in these specific situations. And it is these discursive practices that sustain the memory of languages and peoples of orality. It is these practices that also allow us to reaffirm the concept of ethno-discursive identity, when we see ourselves as speakers of an indigenous language and, for historical reasons, users of Portuguese.

Key-words: Macuxi language. São Jorge community. Ethno-discursive identity. Linguistic revitalization. Discourse Analysis.

Lista de figuras

Figura 1: Maloca do Cantão	33
Figura 2: Comunidade Indígena São Jorge	33
Figura 3: Serra do Marari, Surumu, Terra Indígena Raposa Serra do Sol	45
Figura 4: Irani Barbosa dos santos, Tio Severino Barbosa foto do lado direito com 99 anos e do lado esquerdo com 102 anos.	48
Figura 5: Irani Barbosa dos santos (recepção dos alunos Makuxi cantando e dançando parixara no aniversário de 99 anos).	49
Figura 6: Foto do aniversário de Severino Barbosa de 102 anos	52

Lista de siglas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISA – Instituto Socioambiental

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

OMIR - Organização de Mulheres Indígenas de Roraima

PET – Petição Eletrônica

SD – Sequência Discursiva

TI – Terra ou Território Indígena

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

Lista de quadros

Quadro 1: GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 07 a 20 anos	60
Quadro 2: RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE SILENCIAMENTO DA LÍNGUA – Faixa etária 07 a 20 anos	61
Quadro 3: IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 07 a 20 anos	63
Quadro 4: GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 21 a 40 anos	65
Quadro 5: RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE SILENCIAMENTO DA LÍNGUA – Faixa etária 21 a 40 anos	66
Quadro 6: IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 21 a 40 anos	67
Quadro 7: GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 41 anos ou mais	69
Quadro 8: RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE SILENCIAMENTO DA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 41 anos ou mais	70
Quadro 9: IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MACUXI – Faixa etária 41 anos ou mais	71

PREFÁCIO

Minha história de vida

Sou indígena, do povo Macuxi, nasci na comunidade indígena São Jorge, região de Surumu, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, município de Pacaraima, Roraima. Quando eu nasci não houve nenhum ritual no meu nascimento até porque em minha comunidade há muitos anos os Macuxi já não fazem o ritual de nascimento de uma criança. Mas fui muito bem recebida com alegria pela minha família e comunidade. Como era frequente a presença dos padres e irmãs da Consolata¹ na comunidade, fui batizada como o nome de Irani, nome dado pelo meu pai.

Cresci, brincando e aprendendo a respeitar os pais, os mais velhos, as crianças, a natureza. Porque a natureza faz parte de nossa vida. Vivi com meus irmãos e irmãs, sobrinhos, tios e tias, e tinha uma vida de criança alegre, brincávamos sempre de correr, de bandeirinhas, de andar de bicicleta, quando era época de frutas nativas saímos para colher nossa alimentação sempre com alguém mais velho. O rio era o local onde todos se encontravam para lavar roupa, tomar banho, pular na água, nadar, carregar água para encher o pote e baldes, pegar água para beber e cozinhar. Cuidava também do meu irmão mais novo quando minha mãe ia para a roça ou estava a fazer a nossa alimentação.

Minha mãe foi uma excelente parteira, ajudou muitas mulheres indígenas a ganharem os seus bebês na comunidade, trabalhava de roça, plantava maniva, cará, batata doce, jerimum, cana, amendoim, banana, às vezes me levava para fazer companhia. Ao retornar trazia sempre alguma coisa para os filhos comer. Final de tarde a criançada se encontrava para brincar.

Meu pai gostava mais de pescar, sempre estava no Igarapé do Pacu e no rio Surumu, pescando tucunaré, traíra, pacu, cará, pintado, mandi, para nos alimentar, ali tem muitos peixes que chega a alimentar outras comunidades. Minha mãe fazia um delicioso caldo de peixe, peixe assado com farinha, pimenta e a damorida².

¹ Sob a denominação Consolata reúne-se um grupo de missionários que se instalaram em Roraima nos anos de 1970, com objetivo de evangelizar povos indígenas, dentre os quais está o povo Macuxi.

² A damorida é um prato tradicional do povo indígena Macuxi, típico da culinária roraimense e considerado sagrado pelos povos indígenas: é um caldo quente feito com água, uma proteína (peixe ou caça), pimentas variadas, um verde (geralmente cariru), tucupi negro e se come com beiju de mandioca.

Quando tinha caça coletiva na comunidade era muito alegre e sempre traziam muitas caças como veado, capivara, jabuti. Era uma grande festa com a chegada dos caçadores.

Quando adoecia, os meus tios Severino Barbosa e Fidelis Barbosa sempre rezavam em mim, cuidavam da minha saúde, saúde espiritual também. Ali, ouvia o canto e a oração na língua Macuxi, esse era o momento em que ouvia a fala Macuxi muito próximo.

Sou filha de pais Macuxi, Leonilde Maria Barbosa (*in memoriam*) e Diogo Hermínio dos Santos (*in memoriam*), mas que quando crianças ou adultos não aprenderam a falar fluentemente a língua Macuxi, minha mãe sabia algumas palavras soltas, mas não falava conosco. Minha avó materna que falava fluentemente faleceu quando eu era muito pequena.

Um momento muito forte, quando criança, foi quando tinha seis anos de idade e meus pais se separaram, foi uma grande tristeza para mim, momento de dor na família, para uma criança é muito triste ver seus pais brigando. Com a separação, saímos da comunidade para morar em uma vila chamada Vila Pereira, a vida era diferente da comunidade, o espaço, as pessoas, o costume, a alimentação e os amigos.

Iniciei minha vida escolar na escola estadual Padre José de Anchieta, hoje, após homologação da terra indígena Raposa Serra do Sol, escola Estadual Indígena Tuxaua Silvestre Messias, homenagem a uma grande liderança, tuxaua que atuou na defesa dos direitos indígenas, na Vila Pereira, Surumu. Ali estudei da 1^a série à 7^a serie. Então, fui alfabetizada na língua portuguesa, a escola não ensinava nada com relação aos povos indígenas, a maioria dos alunos matriculados eram indígenas, vindos de comunidades vizinhas como não havia o ensino de 5^a a 8^a série nas comunidades, os pais colocavam seus filhos para estudar nesta escola, mas onde havia uma negação dos seus direitos. A língua materna nunca era falada, muito menos ensinada, se identificar como indígena era muito ruim, havia muito preconceito, quase não se ouvia falar nada sobre os indígenas muito menos sobre o povo Macuxi.

Ali fui crescendo, acredito que me tornando adulta ainda criança, porque passei a trabalhar na casa dos não indígenas cuidando de crianças, lavava roupas, cuidava da casa. Minha mãe também trabalhava fazendo comidas na casa dos não indígenas, isso era necessário pois tínhamos que colaborar na casa que vivíamos.

Quando dava, visitava a comunidade, meus parentes, e quando em reunião ouvia meu tio incentivando que tínhamos que estudar para aprender e saber o que os não indígenas estavam falando sobre nossas terras, também se expressava na língua Macuxi, ele era o único falante fluente da comunidade até pouco tempo. Ouvir meu tio era um grande incentivo para continuar estudando e aprendendo .

Neste período era muito forte a influência da igreja católica nas comunidades e na Vila Pereira e passei a frequentar com mais frequência, participava dos cultos, orações, cantos, ouvia atentamente as mensagens, fiz a primeira comunhão e o crisma.

Minha irmã terminou o primeiro grau na época e como não havia ensino médio na vila Pereira e nem na comunidade indígena, fomos morar em Boa Vista para dar continuidade nos estudos. Desta forma concluí meu primeiro grau e em seguida o ensino médio. A vida na cidade era muito diferente, não tinha parentes próximos, tudo era comprado, não tínhamos contato com nossa cultura, nosso povo. A escola também era de branco, o ensino, nada que falasse sobre os indígenas. Eu, me sentia só, isolada, mas determinada a estudar. Na cidade estudei e trabalhei em casa de família, lojas, precisava me manter e ajudar em casa.

Ao concluir o ensino médio fui convidada pelo professor Wapichana Sebastião Bento, chefe do núcleo de educação indígena para trabalhar na escola indígena Nossa Senhora da Consolata, município de Bonfim. Não tinha nenhuma formação para trabalhar em sala de aula, mas como era comum professores atuarem sem formação, ali estava eu para trabalhar na comunidade indígena. Era o meu retorno para colaborar com o povo indígena, me senti muito feliz pelo retorno, pois sabia que as palavras tão fortes de incentivo me motivavam muito em estar na comunidade. No mesmo ano comecei a estudar no Magistério, como havia o ensino médio fiz apenas as didáticas e em dois anos concluí o curso. Neste período comecei a atuar no movimento indígena, nas lutas pelos direitos indígenas, em especial na educação, na demarcação das terras indígenas e na defesa dos direitos das mulheres indígenas. Era muito forte, gritante, a defesa da demarcação, havia momentos muito tensos, de violência por mim presenciada também. Na educação escolar indígena era necessário denunciar o descaso em todos os aspectos com as escolas de nossas comunidades.

Ali, também nascia a primeira organização de mulheres indígenas de Roraima, da qual fui a primeira coordenadora, um grande desafio, pois as mulheres

queriam denunciar a violência sofrida. Queriam dizer não a qualquer tipo de violência. Queriam uma saúde diferenciada para as mulheres, e a luta muito forte contra a bebida alcoólica nas comunidades indígenas, razão pela qual havia muita briga e desunião. Foi através da OMIR, que me formei em Bacharel em Administração para contribuir na organização indígena.

Então, a cada dia íamos fortalecendo o nosso movimento, a nossa luta em defesa da vida indígena, continuava a trabalhar na escola, continuava minha formação paralela, sou formada em pedagogia e pós-graduada em Educação Escolar Indígena, participei de vários cursos, assembleias indígenas. Os últimos anos foram mais tensos com a homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, era necessário que a área continuasse como Terra indígena. E tensos também pelo fato de eu presenciar vários momentos de violência, discriminação, preconceito e momentos de defesa dos nossos direitos. Eu senti na pele tudo isso, então, quando eu ia me pronunciar em público acabava chorando relatando vários momentos vividos. E aí, neste momento, vem o meu nome indígena, dado pelo professor Macuxi Sobral André, homem de grande sabedoria, me deu o nome de Xiu Xiu Canto do Paricuarú. Segundo ele, o pássaro não canta, ele meio que chora, por isso o nome dado a minha pessoa.

SUMÁRIO

Introdução	17
1 Pressupostos teóricos	19
1.1 Sobre a Análise de Discurso	19
1.1 Noções essenciais	20
1.2 Política linguística e monolinguismo: uma questão de consenso	21
1.2.1 Política linguística e política de línguas	22
1.2.2 Política de línguas originárias e princípios teóricos	25
1.2.2.1 LínguaS silenciadaS e língua materna	25
1.2.2.2 Língua materna, identidade etno-discursiva, falantes e usuários	27
2 Sobre o povo e a língua Macuxi	32
2.1 O território Macuxi: história e luta	32
2.1.1 Comunidade São Jorge	34
2.2 Primeiras anotações sobre a língua Macuxi	36
2.2.1 Aspectos morfológicos e sintáticos da língua Macuxi	39
3 Consultores, corpus e estratégias de análise	43
3.1 Severino Barbosa Macuxi: um tronco, uma raiz	43
3.2 Coleta de dados e consultoria	54
4 Análise	59
4.1 A fluência do Macuxi entre os jovens	59
4.2 A fluência do Macuxi entre os adultos jovens	65
4.3 A fluência do Macuxi entre os adultos com mais vivência	69
5 Conclusão	73
Referências bibliográficas	76
Anexo I	79
Anexo II	81

Introdução

Quando se fala, por diferenciação, sobre Política de línguas, damos à língua um sentido político necessário. Ou seja, não há possibilidade de se ter língua que não esteja já afetada desde sempre pelo político.

Eni Orlandi

Ainda criança era comum ouvir dos mais velhos que era feio falar a língua Macuxi, como era muito pequena não entendia muito bem o significado. Desde então, era o processo de colonização e catequização dos indígenas na comunidade pelos então missionários da Missão Consolata, com a implantação da missão São José a 7 km da minha comunidade. O impacto foi violento. Eu não estudei na escola dos padres, mas meus irmãos, tios e tias, membros da comunidade estudaram e relatam que era um ensino muito rígido e que eram proibidos de falar a língua materna e se falassem eram castigados. Até hoje ainda isso é muito forte na lembrança e nas falas das pessoas.

Quando adoecia, o meu tio Severino Barbosa e Fidelis Barbosa sempre rezavam em mim, cuidavam da minha saúde, saúde espiritual também. Ali, ouvia o canto e a oração na língua Macuxi, esse era o momento em que ouvia a fala Macuxi muito próximo.

Os membros da comunidade, em sua maioria, não são falantes, alguns pais ou avós sabem palavras soltas, cumprimentos, nomes de animais, nomes de peixes e cantos. Tínhamos somente um tio que era falante fluente, que possuía até pouco tempo 102 anos de idade. E temos, atualmente, a professora de Macuxi, fluente na língua.

Com o desejo de revitalizar nossa língua, aos poucos, vamos introduzindo na escola atividades com a língua: são cantados os cantos indígenas em pequenas apresentações. Os alunos começam a estudar a língua Macuxi na escola a partir do 1º ano até o 9º ano do ensino fundamental, quando saem para estudar em outra escola para dar continuidade nos estudos. A escola está em processo de conclusão do Projeto Pedagógico. Há também uma grande

rotatividade de professores na escola que trabalham como professores seletivados, em especial os professores de língua Macuxi.

Essas iniciativas ainda são pequenas se pensarmos de levar a cabo o desejo de que toda a comunidade tenha conhecimento da língua materna, para que o Macuxi não venha a ser silenciado. Assim nosso trabalho tem como objetivo principal buscar contribuir com essas iniciativas.

Como? Colocando em prática outros objetivos como:

- (i) Fazer um mapeamento através de entrevistas com consultores nativos do estado atual de fluência do Macuxi.
- (ii) Refletir sobre essa situação, buscando empreender uma política de largo alcance da revitalização da língua Macuxi.
- (iii) Investir em projeto pedagógico, dando ênfase ao estudo do Macuxi com diferentes atividades: ouvir os que têm mais fluência na língua; ouvir os lembradores com relatos diversos sobre o povo e a cultura Macuxi.

Em termos teóricos, vamos seguir a escola materialista de Análise de Discurso, recortando os conceitos principais no âmbito de Política Linguística, a fim de se empreender uma *política de língua* elaborada pelos indígenas, esperando, assim, atender aos reais interesses destes.

1 Pressupostos teóricos

Para a reflexão sobre o grau de fluência, em número de indivíduos, da língua Macuxi na comunidade São Jorge, adotamos, por vezes, trabalhos na área de Política Linguística, propostos pela Sociolinguística de base europeia e outros propostos, *sobretudo*, pela escola materialista de Análise de Discurso, quando aí as políticas linguísticas se tornam o foco de discussão.

Assim, neste capítulo, fazemos uma breve introdução sobre a Análise de Discurso, justificando a sua fundação por Michel Pêcheux, para, em seguida, explorar o escopo das políticas linguísticas no Brasil com relação às línguas dos povos originários.

1.1 Sobre a Análise de Discurso

Nos anos de 1960, na França, Michel Pêcheux reúne um grupo de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento para criar uma disciplina voltada aos estudos do discurso.

A Análise do Discurso nasce, dentre outras razões, de uma emergência local de se fundar na França – uma vez que já existia uma disciplina “discourse analysis” na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos – uma teoria com uma configuração teórica diferenciada, que, de imediato, busca oferecer um dispositivo que “coloca em relação, sob uma forma mais complexa do que o suporia uma simples co-variação, o campo da língua (susceptível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica)” (Gadet, 1990, *apud Souza*, 2016, p. 123)

A configuração diferenciada de que fala Souza, citada no parágrafo acima, tem na sua constituição três áreas de conhecimento: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Essa articulação se dá por construção crítica em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, resultando daí

uma nova forma de conhecimento que coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção

de sujeito e relativizando a autonomia da Linguística. (Orlandi, 1999, p. 16)

Enfim, a Análise de Discurso, “como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso tem em si a ideia de percurso, de correr, de movimento.” (Orlandi, 1999, p. 15). Reside, aí, nossa intenção de buscar conhecer e entender o movimento dos discursos sobre o fato de, cada vez mais, as línguas originárias serem silenciadas.

1.1.2 Noções essenciais

Dentro do conjunto de princípios da Análise de Discurso, destacamos aqueles que julgamos essenciais à nossa análise. São eles a noção de Discurso, a de Formação Discursiva, a de Sujeito e a de posição-sujeito. Durante a análise, outras noções podem vir a ser açãoadas.

Ao descentrar a noção de sujeito como responsável pelos sentidos do dizer, descentra-se também a significação atrelada ao conteúdo dos textos. Pêcheux (1969) define discurso como efeito de sentidos entre interlocutores, logo as palavras mudam de sentido historicamente tanto para os diferentes sujeitos que as empregam, quanto para o próprio sujeito, que se situa no tempo e no espaço. O sujeito e o sentido são históricos.

Quanto à definição discursiva de sujeito, este se configura como um sujeito dividido, pois é assujeitado à língua, à ideologia e ao inconsciente. É também atravessado por várias Formações Discursivas.

Se quando se afirma, ainda, que o sentido não existe em si, em cada palavra, pois o mesmo é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas nas diferentes posições dos que as empregam, chega-se à outra noção, a de Formação Discursiva:

[A noção de Formação Discursiva] permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (Orlandi, 1999, p. 43).

Assim, entende-se que o sentido de uma palavra muda a partir do instante em que o sujeito se inscreve em uma, ou outra formação discursiva. O sentido é sempre determinado sob carga ideológica, logo não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na forma como os discursos se materializam.

Sendo sujeito e sentidos históricos, o sujeito ao se posicionar, se instala num complexo de formações discursivas, com uma dominante. A partir de então, configura-se a posição-sujeito. Em nosso trabalho, pretendemos entender como os Macuxi da comunidade de São Jorge se posicionam sobre a fluência da nossa língua materna, que posições-sujeito estão sendo determinadas historicamente.

1.2 Política Linguística e monolinguismo: uma questão de consenso

Num país, onde é falado um número próximo de 300 línguas, o Estado parece ignorar esse fato, quando investe pouco em políticas linguísticas. Pelo Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, em vigor em 2006, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) passa a ser estabelecida como o segundo meio oficial de comunicação. Entretanto, ao mesmo tempo, em que se reafirma que o idioma oficial do Brasil é a Língua Portuguesa, também se reafirma no país a política oficial do monolinguismo. Esses fatos nos remetem a Gadet e Pêcheux:

“a questão da língua é, pois, uma questão do Estado, com uma política de invasão, absorção e de anulação de diferenças, que supõe antes de tudo que estas sejam reconhecidas: a alteridade constitui, na sociedade burguesa, um estado de natureza quase biológico: a ser transformado politicamente”. (Gadet e Pêcheux, 2004, p.37)

Uma política que trabalha em torno do monolinguismo é, sim, uma política de anulação das diferenças não só entre as línguas, mas também uma anulação dos diferentes povos originários de nosso país. Apagam-se as formas diferentes de se significar o mundo; apagam-se as formas diferentes de se estar no mundo, com suas crenças, práticas culturais... Apaga-se uma enorme gama de saberes sobre os seres e sua espiritualidade, sobre os seres da mata, sobre o

conhecimento das plantas que curam e que matam – saberes inscritos nas línguas milenarmente constituídas.

E como as políticas públicas são pensadas e postas em prática? Pelo consenso, como afirmam Rosa e Souza (2019):

Grosso modo, as políticas públicas são o conjunto de programas, ações, e decisões tomadas pelo governo (em âmbito nacional, estadual ou municipal) – interesse administrativo – com a participação direta ou indireta de entes públicos ou privados, a fim de assegurar os direitos – interesse jurídico – de cidadania para vários ou determinados grupos da sociedade. É importante frisar que tais direitos são assegurados na Constituição do país. Pensamos assim, numa coprodução estado/sociedade por conta do interesse coletivo.

[...]

A área que comprehende as políticas públicas é o lugar de observação que se passa entre o jurídico e o administrativo. Nesse lugar ocorre a resolução dos anseios sociais. Imaginamos, porém, um consenso entre o jurídico, o administrativo e o social no que diz respeito à língua. Como sistematizar a existência de várias línguas num mesmo território e sua co-existência e usos numa sociedade heterogênea? O que imagina-se é a observação de um consenso entre os sujeitos (entende-se consenso como a concordância ou uniformidade de opiniões, crenças, sentimentos, pensamentos da maioria ou de uma totalidade de uma coletividade) e o resultado desse consenso é (são) a(s) política(s) pública(s). (Rosa e Souza, 2019, p. 113)

Se a planificação das políticas públicas postas em prática pelo Estado são feitas por consenso, e se também é por consenso que se ignora o plurilinguismo³, outras práticas vêm ao encontro dos movimentos de fortalecimento linguístico e de retomada/revitalização das línguas. Movimentos descritos a seguir.

1.2.1 Política linguística e política de línguas

³ Não temos até o presente momento um mapeamento linguístico que dê conta da diversidade de línguas faladas em território nacional, a não ser o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (2010), que funciona também como um objeto cartográfico, pois nele pode-se verificar geograficamente onde estão localizadas as línguas e quais línguas são faladas no território brasileiro. Porém, o inventário da diversidade linguística sofreu poucas alterações desde sua criação e, recentemente, o governo criou uma comissão para avaliar a inclusão de línguas no INDL, mas tal medida ainda não está em desenvolvimento. Até onde se sabe o INDL não teve prosseguimento.

Pode-se dizer que desde o século XVI, os povos indígenas enfrentam vários entraves para manutenção e fortalecimento de suas culturas e línguas. Ao longo deste tempo, após muita luta pelo reconhecimento dos direitos indígenas, e devido ao pouco investimento na sustentabilidade das línguas originárias, os povos indígenas vêm buscando formas políticas de valorização e esteio da língua.

Seguindo dados trazidos pelo Censo IBGE de 2010, no Brasil há 274 línguas diferentes faladas por 305 etnias. Muitas dessas línguas estão ameaçadas de extinção. Essa extinção abrange línguas de todo o mundo, e a UNESCO toma a iniciativa de decretar, em 2023, a década das línguas indígenas a partir do reconhecimento de que há, hoje, em torno de um total de 7000 línguas faladas no mundo, das quais aproximadamente a metade não mais será falada após algumas gerações, que não estarão mais sujeitas a adquiri-las como primeira língua. São estas as chamadas “LÍNGUAS AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO” (UNESCO’s Atlas of the World’s Languages in Danger (2011)).

A proposta de se falar em política de línguas e não apenas em política linguística toma, como faz Orandi (2007), como princípio pensar o que há de político nessa diferenciação:

Em geral, quando se fala em política linguística, já se dão como pressupostos as teorias e também a existência da língua como tal. E pensa-se na relação entre elas, às línguas, e nos sentidos que são postos nessas relações como se fossem inerentes à essência das línguas e das teorias. Fica implícito que podemos “manipular” como queremos a política linguística. Outras vezes, fala-se em política linguística, de organizar-se a relação entre línguas, em função da escrita, de práticas escolares, do uso em situações planificadas.

Quando se fala, por diferenciação, sobre Política de línguas, damos à língua um sentido político necessário. Ou seja, não há possibilidade de se ter língua que não esteja já afetada desde sempre pelo político. (Orlandi, 2007, p. 7-8)

Pelo viés da Análise de Discurso, todo e qualquer enunciado não escapa ao político. Político, no sentido de disputa de sentidos, de partição de sentidos na e pela língua, um corpo simbólico. As relações de poder são sempre simbolizadas, eis aí o político.

Uma política de línguas caminha em várias direções, seja com retomadas, ressurgências ou revitalização. Enquanto as Políticas Linguísticas são

planificadas pelo Estado, as políticas de línguas partem de movimentos das comunidades linguísticas e falantes, que se engajam em projetos de preservação e reconhecimento de suas línguas. Entretanto, há política de línguas para os indígenas e há política de línguas dos indígenas. Não são a mesma coisa, afirma Souza:

Há projetos de revitalização de línguas para os indígenas e há projetos de revitalização de línguas dos indígenas. *Não são a mesma coisa.* Antes mesmo de a Década ser decretada, várias iniciativas partindo dos que vêm se declarando indígenas e dos demais que sempre se auto identificaram indígenas estão engajados em processos de ressurgência ou de retomada de uma língua indígena.

É o caso, por exemplo, dos Tupiniquim do Espírito Santo que retomaram o Tupinambá como língua materna. Ou como a atitude dos Baré, na região do Alto Rio Negro, que, por um bom tempo, não queriam mais se identificar como indígenas, mas que no Censo IBGE (2010) se autodeclararam Baré e declararam/retomaram como língua materna o Nheengatu. Esses são casos de retomada de uma língua indígena, sendo esta alheia, muitas vezes, a uma filiação linguística a sua língua étnica já silenciada, caso de Baré e Nheengatu.

Outras iniciativas estão envolvidas num trabalho de ressurgência da língua, sob determinadas condições de fluência. É quando se pode contar com lembraiadores, avós, pais, etc que passam a atuar, em geral, nas escolas bilíngues, ministrando aulas de retomada da produção de objetos etnográficos, ou ensinando cânticos e mitos. (Souza 2024a)

Assim, um projeto de retomada linguística encabeçado pelos indígenas deve ter em conta alguns princípios: (i) as iniciativas em prol de uma retomada linguística deve ser acordado entre as lideranças e aqueles que ainda tenham fluência na língua e que possam colaborar; (ii) o planejamento curricular deve prever aulas de iniciação à língua materna e (iii) assessoria de um profissional que possa orientar, em termos políticos, as estratégias a serem postas em prática em prol de uma política de retomada/revitalização de uma língua.

Como se viu acima, segundo Orlandi (2007), quando se fala em Política de línguas, damos às línguas um sentido necessário. E diferente é este sentido, quando o Estado estabelece que línguas são ou não possíveis de serem oficializadas. Assim uma política de línguas indígenas pode partir, por exemplo, da cooficialização em âmbito municipal de diversas línguas que são faladas no território. A cooficialização pode vir a ser um passo eficaz para impedir o

silenciamento gradativo da língua. Acima de tudo, porém, deve se colocar em prática o reconhecimento de um processo de identificação etno-discursiva através da lei de auto declaração e de iniciativas, como as que já citamos aqui.

Abrimos um parênteses, para informar que, recentemente, a Lei Ordinária 2.005, de 16 de setembro de 2024 dispõe sobre o reconhecimento das línguas indígenas faladas no estado de Roraima como patrimônio cultural imaterial, e estabelece a cooficialização de línguas indígenas e institui a Política Estadual de Proteção às Línguas indígenas do estado de Roraima. Foram 12 línguas cooficializadas, entre as quais se encontra a língua Macuxi.

Em termos teóricos e em termos de práticas discursivas, retomaremos a discussão em torno do conceito de identidade etno-discursiva para se verificar como se sustenta um processo de identificação etno-discursiva? Pelo agenciamento de uma série de princípios teóricos, explorados a seguir.

1.2.2 Política de línguas originárias e princípios teóricos

Em vários trabalhos, Souza, ao discutir como se constitui uma política de línguas voltada para as línguas originárias, propõe a definição de algumas noções e a redefinição de outras. Para essa discussão toma como pano de fundo a forma histórica como os povos vêm sendo espoliados em vários de seus direitos, incluindo o direito à língua.

1.2.2.1 Línguas silenciadas e língua materna

Por que falar em línguas silenciadas e não em línguas mortas ou extintas? Essa é a questão central em Souza em vários de seus trabalhos escritos desde 1994 (conferir o conjunto desses trabalhos nas referências). Em seguida, seguem trechos resumidos dessas discussões.

Diz a autora que há muito tempo discute o silenciamento das línguas originárias do Brasil, definindo o conceito de *línguas silenciadas*: “Parto do princípio de que o ‘silêncio significa, não fala’ (ORLANDI, 1992) e defendo que as línguas – tomadas como extintas ou mortas – significam pelo seu silenciamento (Souza, 1994, 2011, 2020, 2021, 2022a (entre outros)):

A decisão de falar em línguas silenciadas não é por uma questão de eufemismo, mas sim por razões de ordem política e teórica. Silenciar é impedir que certos sentidos indesejáveis transitem no bojo do discurso social, definido como aquilo que é permitido dizer, como assinala Pêcheux (1975). Assim não podemos dizer x, dizemos y. As línguas se silenciam, mas são ouvidas na denominação dos povos indígenas – Puri, Tupinambá, Mura, Baré... Ecoam o tempo todo, toda vez que se repetem os nomes desses povos. Se as línguas se extinguem, extinguem-se os povos, os saberes, a cultura de todos que assim se nomeiam?

As línguas se silenciam, mas ressoam na memória de todos aqueles que um dia tiveram contato com a sua materialidade física. Que lembram de serem embalados com a língua da qual, certamente, reconhecem a sonoridade, o ritmo, inscritos no nome de alguma planta, de um artefato qualquer, e até no nome próprio. São línguas que não precisam de um significado imanente, basta a sua significância. (Souza, 1994, 2020 e 2022a, p.23)

Voltando a atenção para nossa comunidade, em relação às “línguas mortas”, eu fico muito me perguntando se na minha comunidade nós temos línguas silenciadas ou temos línguas mortas, ou língua morta? Acho que podemos pensar nossa língua como silenciada. Por muito tempo ela ficou silenciada, mas, a partir de 2007, nas escolas se faz um grande incentivo para as comunidades indígenas começarem a ouvir, em especial, as palavras e cantos em língua Makuxi.

Concordo plenamente com Souza quando diz que meu tio, falecido com 102 anos, era um falante fluente, seja chamado de tronco, de raiz. Mas, infelizmente, os mais velhos relatam que são deixados de lado. Antes de falecer, meu tio não poderia ter incentivado muito na manutenção da nossa língua, e chegou a perguntar da professora o que ela pensava? O que ela ia fazer? O que ela queria fazer? então ela disse: “Ensinar a língua materna”. Respondeu ele que, nesse caso, ele podia ir embora tranquilo, porque ele viu nela uma pessoa que estava trabalhando, motivando, incentivando a ensinar a língua Makuxi, para as crianças e até para os velhos.

Os velhos não são falantes fluentes, mas eles escutam, sentem prazer, se sentem até emocionados em vivenciar aquele momento ali, isto é, usando a língua e também usando os cantos. E quero que o que eu digo fique registrado aqui nesse trabalho.

Quanto à noção de língua materna, Souza (2022a) se baseia em Gadet e Pêcheux (2004) quando afirmam que “é portanto por amor que alguém se torna “louco pela língua”: por amor e inicialmente por apego primeiro ao corpo da mãe, quando sua insistência toma a forma de um amor da língua-mãe ou da língua materna.” A partir dessa noção de língua materna, no caso, alheia ao que diriam os linguistas, analisa a frase “Sou Baré e minha língua materna é o Nheengatu”⁴:

Nesse breve enunciado ecoa, a nosso ver, além da história do confronto, a história da desterritorialização/reterritorialização, processo como definido em Deleuze e Guattari do sujeito e suas línguas. Há muito que o baré é uma língua silenciada, mas o sujeito se reconhece indígena por dois movimentos: pela reafirmação de sua etnia – Baré – e pelo reconhecimento de sua identidade discursiva: a língua materna é o nheengatu. Nesse movimento de subjetivação num território em que “o sujeito se sente em casa” (de novo Deleuze e Guattari), não há espaço para o português. Vem à tona sua filiação linguística étnica – língua baré – e sua identidade de língua materna – o nheengatu – e apaga, neste enunciado, falar português. Processo complexo e paradoxal: fala e escreve em português como usuário dessa língua outra, mas nomeia sua identidade: forma-sujeito-indíio. Que sentido de língua materna se inscreve nessa forma de se apresentar num memorial? Não tem como não retomar o que dizem Gadet e Pêcheux em um de seus escritos (*Les hommes fous de leurs langues*, 1981) sobre a paixão dos homens por suas línguas: há os que se batem pela língua materna e há os que se batem por escrever sobre as línguas. Falamos aqui sobre aqueles que estão em luta pela língua materna. Que língua materna? A resposta não é a que dariam os sábios da linguagem, mas sim: “Sou Baré e minha língua materna é nheengatu”. Enfim, as línguas se silenciam, mas não escapam à sua memória. (Souza, 2022a, p. 22)

1.2.2.2 Língua materna, identidade etno-discursiva, falantes e usuários

Investir numa política de revitalização de uma língua significa, acima de tudo, assumir que este é um projeto político abarcado pelos membros da comunidade. E, em termos teóricos, investir na definição de conceitos fundamentais ao desenvolvimento de um projeto em torno de política de línguas realizada pelos indígenas, *e não para os indígenas*.

⁴ Emerson Chaves de Oliveira à época era aluno do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Museu Nacional, UFRJ.

Na seção acima, discutimos o conceito de línguas silenciadas – e não adotamos nunca a definição de “línguas mortas ou extintas”. Uma língua materna é aquela que se define pela proximidade ao corpo da mãe. Que se guarda na memória, nem sempre as palavras, mas a sua sonoridade. É uma língua que se constrói pelo afeto e pela memória de pertencimento étnico a essa língua e não a outra qualquer: “Os velhos não são falantes fluentes, mas eles escutam, sentem prazer, se sentem até emocionados em vivenciar aquele momento ali, isto é, usando a língua” (falas ouvidas durante nossas entrevistas).

E é com base nesses princípios, que retomamos a seguir outros conceitos formulados nos trabalhos de Souza.

Identidade etno-discursiva

Partindo do princípio de que o português é uma língua que se impõe pelo trabalho de colonização, Souza considera que é a partir da concepção de que todo e qualquer indivíduo que se declare indígena, mesmo aqueles que não mais detêm a fluência da língua, são usuários do português e falantes de língua indígena, que se pode falar em identidade etno-discursiva:

Quanto à identidade indígena, esta em geral é discutida pelo viés étnico, quando se constata a preservação de manifestações culturais, de organização social, de relações de parentesco, de herança de espólio matrilinear ou patrilinear e da própria denominação étnica. Levando em conta toda a situação das línguas indígenas instaurada pelo confronto trazido pelo trabalho de colonização, em termos discursivos, podemos, então, pensar numa constituição da identidade indígena por outro viés, que não seja estritamente o étnico, mas sim pela(s) *língua(s)*. Um dos critérios oficiais do Estado para reconhecimento dos povos indígenas – e aí reafirmar os direitos destes previstos na Constituição brasileira – é o domínio da língua indígena. Por esse critério, muitos desses povos originários correm o risco de ficarem alijados das políticas indigenistas e de seus direitos. A retomada da língua indígena (seja qual for) vem, assim, em confronto com tal critério, num movimento político de reafirmação da identidade indígena em termos linguísticos e discursivos, e não apenas pela etnia. (Souza, 2022a, p. 26)

Importante, porém, é entender que o conceito de identidade etno-discursiva se constitui a partir do momento que se diferencia *falante* de *usuário*, apesar de os povos originários dominarem, em sua maioria, falar português. Recuperando a discussão que Orlandi (2012) faz em torno da diferença entre falante e usuário de uma língua, quando esta autora traz a foco o tema sobre

multilinguismo e ressalta que no mundo atual – **globalizado** – somos todos **usuários** do inglês, porém falantes de nossas próprias línguas, Souza estende a distinção entre falante e usuário ao universo das línguas indígenas.

Já apontamos que uma das causas para o silenciamento das línguas indígenas reside – dadas as condições históricas do confronto, enfrentamento do mundo indígena com o mundo karaiva⁵ - está na adoção do português – **língua de dominação** – como língua franca e de comunicação no dia a dia em nosso território. Falo de enfrentamento, de confronto entre povos e línguas – e não de contato – por enveredar nossa reflexão pela ordem do discurso, e não no campo da afetação entre línguas. Assim, dentro de um processo claro de resistência, os povos indígenas são usuários do português – e não falantes – e passamos a entender o português como língua franca. (Souza, 2022a, p. 21)

A ressurgência de povos e línguas nada mais é que um *gesto pleno de decolonização* e que, ao mesmo tempo, denuncia o desrespeito imposto aos povos originários, com a ausência de projetos em prol da preservação desse rico patrimônio imaterial. Indígenas que não mais falam a língua de origem étnica e que retomam uma língua, seja qualquer, se desvincilham identitariamente da língua do colonizador, o português. (Souza, 2021, p. 143, grifo nosso)

Memória, falantes e lembradores

Um trabalho de revitalização de uma língua requer algumas estratégias para que se chegue à língua, com seu sistema de sons, com seu léxico, seu corpo textual, ritmo, enfim, discurso. Em nenhum momento, Souza preconiza a possibilidade de se retomar uma língua com todas as suas características linguísticas que, originalmente, davam corpo a essa língua:

Numa língua silenciada, mas uma vez (re)trabalhada por sujeitos que se reconhecem na memória de pertencimento à língua, inscreve-se uma outra materialidade discursiva e também linguística. A língua Patxohã, em certo alcance, teve êxito no trabalho de seu ressurgimento, como relata Awoy Pataxó⁶. Levou um bom tempo para os pataxós, junto com professores, fazerem um levantamento de palavras Pataxó ainda em curso e se dedicarem ao estudo de línguas filiadas ao Macro-Jê, faladas na mesma região e, a partir daí, emprestando frases, construindo textos até chegar à retomada da língua Pataxó, como ela se inscreve hoje, com sua materialidade linguística própria e com sua materialidade discursiva constituída com o movimento de retomada. Com esse tipo de

⁵ Karaiva é o termo que os Bakairi usam para se referir aos não indígenas.

⁶ Voltair Alves dos Santos, Awoy Pataxó, aluno do Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas. Museu Nacional/UFRJ

reconstituição, se reafirma uma identidade etno-discursiva, como venho definindo, aquela que se constitui na e pela língua. (Souza, 2023; 2024).

Ainda sobre nossa iniciativa na comunidade, fico muito emocionada, porque isso mexe muito com o meu emocional porque sou uma pessoa que sempre defendi a língua indígena, mesmo não tendo fluência, mas eu me sinto uma indígena, não simplesmente pelo fato de não falar, mas me sinto, eu me sinto, me sinto indígena pertencendo a um povo, ao povo Makuxi, então, quando me perguntaram lá, quando fui no PROFLLIND, porque que eu me considerava uma indígena. Então, o primeiro ponto que destaquei foi porque eu sou filha de indígena, eu moro numa terra indígena, meus parentes são indígenas, eu tenho tios que são falantes de uma língua de um povo. Sou Irani Macuxi!

“Tenho muita pena de não saber falar a minha língua, professora”. Quando dissemos essa frase, mais uma vez reafirmamos nossa identidade etno-discursiva e a reafirmação de, por condições históricas de imposição de uma língua outra, somos usuários do português.

Por fim, assinalamos aqui que a constituição de ser sujeito falante de uma língua indígena, tem como base os dois movimentos da memória: a memória da língua e a memória de pertencimento à língua.

Memória da língua e memória de pertencimento à língua

Como já dissemos aqui, um falante de uma determinada língua se diferencia de usuário primeiro por razões históricas e, segundo, por ser o falante afetado pela memória que o atravessa, o que lhe permite se identificar na posição de sujeito indígena.

Para Souza, a memória da língua é a que imprime a esta língua uma historicidade única: o modo de se falar português no nosso país é diferente do modo de como se fala português em outros países. A língua portuguesa brasileira traz marcas da sua história no corpo da própria língua, com a influência das línguas indígenas e das línguas africanas: o sistema de sons, a sintaxe, o vocabulário, o ritmo.

Quanto à memória de pertencimento à língua, Souza parte do conceito de materialidade discursiva em Pêcheux e aí acrescenta o papel da memória na

identificação dos sujeitos com a língua que o define como falante, quando este elabora o pensamento e produz dizeres e os sentidos desses dizeres.

Além da memória da língua, existe a memória de pertencimento à língua. A concepção de materialidade discursiva com a qual trabalhamos parte de Pêcheux (2011), associada ao trabalho da memória (Souza, 2024b): nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época”, mas que remete às *condições verbais* de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada”. (Pêcheux, 2011, p.151-152)

“[...] materialização do trabalho da memória: a memória da língua e a memória de pertencimento à língua. Há a inscrição de uma memória do dizer no tecido da língua, numa contextualização sócio-histórica. É nessa dimensão discursiva que o sujeito se reconhece como falante de sua língua.” (Souza, 2024b, p. 199)

Com base no conjunto de conceitos arrolados até aqui vamos buscar refletir sobre as condições de fluência do Macuxi na nossa comunidade São Jorge.

2 Sobre o povo e a língua Macuxi

Os Macuxi, povo de filiação linguística Caribe, habitam a região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, território atualmente partilhado entre o Brasil e a Guiana. Em 2004, a população Macuxi no Brasil era estimada em torno de 19 mil pessoas e cerca de metade desse total era encontrada na vizinha Guiana, ocupando áreas de campo e de serras no extremo norte do estado de Roraima e o norte do distrito guianense de Rupununi⁷. Pelo Censo IBGE (2010), há o registro de 22568 indivíduos alocados em terras indígenas e 6344 indígenas vivendo fora de terras indígenas, totalizando 28912 indivíduos.

O deslocamento de famílias e de indivíduos para o contexto urbano vem aumentando o silenciamento da língua materna cada vez mais. Além disso, são muitos os conflitos de terra entre os Macuxi e a comunidade envolvente.

2.1 O território Macuxi: história e luta

O território Macuxi em área brasileira hoje está recortado em três grandes blocos territoriais: a TI Raposa Serra do Sol, a TI São Marcos, ambas concentrando a grande maioria da população, e pequenas áreas que circunscrevem aldeias isoladas no extremo noroeste do território Macuxi, nos vales dos rios Uraricoera, Amajari e Cauamé.

O território Macuxi estende-se por duas áreas ecologicamente distintas: ao sul, os campos; ao norte, uma área onde predominam serras em que se adensa a floresta, prestando-se assim a uma exploração ligeiramente diferenciada daquela feita pelos índios da planície. A dimensão desse território pode ser estimada em torno de 30 mil a 40 mil km².

A distribuição espacial da população Macuxi faz-se em várias aldeias e pequenas habitações isoladas. Estima-se que existam 140 aldeias Macuxi no Brasil, mas não há dados precisos sobre o seu número. Para a área guianense, a estimativa é de cerca de 50 aldeias no interflúvio Maú(Ireng)-Rupununi [dados de 2004, cf: ISA].

⁷ Cf: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>, acesso em 25/07/2024, às 12horas.



Figura 1: Maloca do Contão.

Foto: Comissão Rondon, s/d.

Fonte: ISA

Apresentando notável constância, essa distribuição espacial dos Macuxi tem permanecido inalterada ao longo de uma extensão contínua de terras desde pelo menos os primeiros registros historiográficos disponíveis para a região do vale do Rio Branco, no século XVIII.



Figura 2: Comunidade Indígena São Jorge

Fonte: Luiz Câmara

Da luta dos indígenas até a conquista da homologação da terra indígena Raposa Serra do Sol se passaram mais de trinta anos, os povos indígenas tiveram que superar os mais diversos entraves jurídicos, administrativos e políticos, ao mesmo tempo que retomavam o controle de seu território a partir de uma grande organização social e comunitária.

Desta forma, a demarcação integral da Terra Indígena Raposa Serra do Sol foi o resultado de uma grande luta dos povos indígenas frente aos interesses

econômicos e políticos da sociedade não indígena. Conforme o Dossiê Raposa Serra do Sol, a terra indígena Raposa Serra do Sol tem uma extensão de 1.747.464 hectares, localizada ao norte do Estado de Roraima. Compreende todo o curso do rio Maú ou Ireng, fronteira entre Brasil e Guiana; ao sul, limita-se no médio curso do rio Tacutu, na confluência com os rios Surumu e Maú; e a oeste, confina com a área de São Marcos, tendo por limites os rios Surumu e Miang.

Conforme o Dossiê, em Abril de 2005, o novo Ministro da Justiça substituiu esta Portaria demarcatória, intensamente judicializada, e assinou a nova Portaria 534\2005 que foi homologada imediatamente pelo presidente da República. A portaria 534\2005 sofreu, no entanto, uma Ação Popular questionando a constitucionalidade da demarcação e homologação da Raposa Serra do Sol. Entre 2008 e 2009, o supremo Tribunal Federal Julgou a PET 3388 e decidiu pela constitucionalidade da demarcação integral da Raposa Serra do Sol.

Depois de muitas lutas, o importante é comemorar a consagração da luta dos índios de Roraima, que mostraram grande determinação frente aos grandes obstáculos impostos pelos inimigos dos indígenas. A reconquista da Raposa Serra do Sol é um exemplo de luta para todos os índios do Brasil e do mundo.

2.1.1 Comunidade São Jorge

A comunidade indígena São Jorge está localizada na região de Surumu, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, está a 208 km da cidade de Boa Vista. A comunidade é muito bonita, pois está em uma área de lavrado, cercada por serras, lagos , rio e igarapés uma comunidade que possui muitos peixes e caça. Possui também, pinturas rupestres muito antigas escritas nas pedras, pinturas deixadas pelos antepassados, riquíssima com plantas, usadas para a produção da medicina tradicional da comunidade (xaropes, pomadas, banhos).

A organização interna da comunidade é composta de: Tuxaua, vice Tuxaua, secretária, tesoureira, gerente de trabalho e gerente do gado. A Tuxaua da comunidade e sua equipe é eleita pela comunidade (vice Tuxaua, secretária, tesoureira, gerente do trabalho, gerente do gado) e pela primeira vez temos uma

mulher na gestão da comunidade. Todo mês temos uma reunião comunitária onde são discutidos vários temas, saúde, educação, territórios, trabalhos comunitários e no final do ano uma avaliação da equipe caso não esteja trabalhando de acordo com a comunidade é realizada uma nova eleição.

Atualmente a comunidade possui 23 pais de família com uma população de 109 pessoas, sendo que a maioria é do povo Macuxi, e moram dois não indígenas casados com indígenas. As famílias possuem ao redor de sua casa pequenas produções de subsistência como: manga, ata, acerola, limão, laranja, carambola, dão, pitomba, goiaba, banana e frutas regionais como araçá, mirixi, jenipapo, piricote e taxi. E tem também criações de pequenos animais, porcos, carneiros, galinhas e patos.

Antigamente, as casas eram todas construídas de adobe e cobertas com palhas de buriti, palmeira nativa de onde os indígenas retiravam para cobertura das casas e para a produção de artesanato. Com o passar dos anos ficou muito difícil a retirada das palhas e as casas das famílias passaram a ser construídas de tijolos e coberta com telhas, pois devido à escassez da palmeira, as estruturas das casas foram mudando. A comunidade possui um malocão comunitário coberto de zinco onde são realizadas as festas comemorativas, reuniões comunitárias e assembleias regionais.

Uma escola estadual com duas salas de aula construída pelo Estado e com três salas construídas pela comunidade que atende os alunos de 1º ao 9º ano do ensino fundamental, uma sala ramificada da escola municipal Indígena Rosalia Nascimento de Freitas, um mini posto de saúde que atende a população, uma igreja católica onde é celebrado os cultos e realizado o batizado uma vez ao ano, casas de apoio para atender os professores que vem de outras comunidades para lecionar na escola, um poço artesiano que faz chegar a água encanada nas casas, um curral onde se faz a ferra e vacina do gado comunitário e particular da comunidade, projeto de gado, energia elétrica 24 horas e estrada terrestre de fácil acesso. A comunidade tem no seu interior o espaço sagrado cemitério onde sepultamos nossos entes queridos.

A escola estadual indígena Santo Antônio de Pádua, atende alunos indígenas do povo Macuxi do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, trabalha com a matriz curricular indígena, sendo que devido todo o processo de colonização a

Língua indígena deixou de ser falada na comunidade. Somente com aprovação da matriz curricular indígena passou a ser ensinada na escola, desta forma, a primeira língua de alfabetização é língua portuguesa e a língua Macuxi a segunda língua.

A economia da comunidade está baseada na caça, pesca, agricultura (maniva, milho, cana, banana, feijão) e principalmente na criação do gado. O gado é uma fonte muito importante na comunidade, pois, atende a necessidade nas festas tradicionais e trabalhos comunitários, e quando tem membros da comunidade doentes é doadas uma vaca para custear a saúde. O Principal rio é o Surumu, onde os membros da comunidade pescam para suas famílias.

A comunidade possui um número de servidores efetivos e seletivados que prestam serviço em alguns espaços da comunidade. Os colaboradores são indígenas do povo Macuxi, na escola estadual há seis professores efetivos, dois seletivados, três vigias, uma merendeira, um secretário, dois pessoal de apoio; na ramificação da escola municipal, temos uma professora efetiva e no posto de saúde, uma agente de saúde e um agente de saneamento básico.

2.2 Primeiras anotações sobre a língua Macuxi

A língua Macuxi é classificada no ramo leste-oeste da família Caribe. Seguimos a classificação das línguas por sua distribuição geográfica, como propõem Voeglin & Voeglin (1977). Os Macuxi estão em confronto com o colonizador e com viajantes europeus desde o século XVIII. Além do hábito de cronistas e viajantes dessa época de colherem flores, plantas e animais silvestres, tinham por hábito também recolher listas de palavras, organizadas em pequenos vocabulários. Buscamos em Carson (1983) muitas das referências sobre as anotações sobre a língua Macuxi no curso da história.

Data de 1832, as anotações do naturalista austríaco Johann Natterer (1787-1843):

Ele foi membro da expedição científica enviada à América do Sul em 1817 pelo imperador austríaco Francisco I, por ocasião do casamento de sua filha Leopoldina com Dom Pedro I, imperador do Brasil. Como zoólogo e caçador profissional, Natterer praticou a taxidermia in situ e forneceu à corte austríaca uma grande coleção de animais preparados

e artefatos etnográficos. Menos conhecida, no entanto, é a dedicação de Natterer à recolha de dados linguísticos e os seus esforços para documentar as línguas das tribos indígenas que conheceu durante a sua estadia e viagens na Amazônia. O fato de Natterer reconhecer a importância de documentar as línguas e revelar a diversidade linguística dos territórios amazônicos recém-explorados não é surpreendente. (Adelaar & Brinjnen, 2014: 333).

Por um longo período, achava-se que o material coletado por Natterer havia se perdido, porém, mais tarde, Von Martius, em 1867, transcreve as anotações de Natterer e traz a público o material coletado por este. “Ainda hoje (2013), as amostras linguísticas de Natterer não estão disponíveis em formato transcrito. Podem ser consultadas na sua forma manuscrita original ou numa versão digitalizada preparada pela Biblioteca da Universidade de Basileia.” (Adelaar & Brinjnen, 2014: 335).

Também Koch-Grünberg, antropólogo e explorador alemão, fez importantes contribuições para o estudo das línguas indígenas sul-americanas. Nesses estudos sobre o Macuxi tem-se “além de um vocabulário sobre partes do corpo, com acurada transcrição fonética, também incluía uma breve interpretação da língua”. (Carson, 1983: 92)

Já no século XX, é Curt Nimuendajú que vai se empenhar em registros sobre a língua Macuxi, com “extensos vocabulários, com separação de morfemas constituintes do vocabulário”. (Carson, *idem*).

Sobre o Macuxi falado na Guiana Inglesa, há duas gramáticas, citadas em Carson (1983): *Grammar notes and vocabulary of the language of the Makuchi Indians of Guiana* (Williams 1923) e *Macuxi Grammar* (Father Keary, 1924), esta última, segundo Carson, “de valor especialmente ao estudo dos verbos”.

Em território brasileiro, Carson elenca:

No território brasileiro, em 1951, o padre católico D. Alcuyn Mayer escreve algumas Lendas Macuxi, publicadas pelo Journal de la Société des Americanistes (1951). Também missionários evangélicos, a maioria orientados pelo Summer Institute of Linguistics, tem estudado o Macuxi a partir da década de 1950. Entre estes encontram-se Hawkins (1950), Foster (1959), Burns (1963), Hodson e Lowe (1974), Hodson (1976) e Abbott (1976). Recentemente Derbyshire tem mostrado grande interesse em Macuxi, não só por utilizar-se dos dados da língua tentando comprovar sua teoria de línguas com objeto precedendo o verbo e o sujeito (1977 e 1981), mas também porque esta é uma das línguas envolvidas em seu “Amazon Languages Project”, um projeto da University College London, no qual trabalha com seu colega G. Pullum. (Carson, 1983: 92-93)

Nos dias atuais temos a gramática organizada pelo Padre Ronaldo Beaton MacDonell: Makuusipe karemeto'pe awanî ‘Uma gramática pedagógica da

língua Macuxi' (2020). A gramática traz aspectos de Fonética e Fonologia; Morfologia e Sintaxe e Semântica. A apresentação das regras gramaticais são escritas em português, bem como a área em que se inserem os conteúdos (Fonologia, Morfologia, etc), mas os exemplos são apresentados em Macuxi, com quase nenhuma glosa em português. Em português vêm traduzidos os pronomes, as marcas de plural, etc, ficando os exemplos sem glosa e sem tradução para o português. É válido observar que esse tipo de material só vai ser usado pelos sujeitos com fluência na língua e com domínio da escrita. Entretanto, lembramos que há comunidades, como a de São Jorge, onde a maioria já perdeu a fluência da língua. Logo não têm como utilizar esse material na busca de revitalizar o Macuxi.

Quanto aos poucos aspectos focados em português, verificamos alguma discordância entre a forma como estão sistematizados na gramática e a explicação dada por consultor fluente. Um desses aspectos diz respeito, por exemplo, ao alinhamento de argumentos, quando mais uma vez o Macuxi⁸ é classificado como língua rara por ter a ordem OVS.

Makuusipe karemeto'pe awanî: o Ponto Gramatical

As línguas são classificadas segundo a ordem dos três elementos na frase transitiva: sujeito (S), verbo (V), objeto (O). Há seis ordens possíveis: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV, OVS. Em Português e Wapichana, a ordem típica é SVO.

O homem viu a vaca.

S V O

Daynaiura tukpan tiki'iz.

S V O

A Língua Macuxi, porém, tem a **ordem típica** de OVS. (grifo nosso)

Paaka era'ma'pî warayo'ya.

O V S

[vaca viu homem-ergativo/ tradução nossa. 'O homem viu a vaca.']}

O objeto deve sempre se situar antes do verbo em Macuxi, e o sujeito, em geral, vem depois do verbo e leva o "sufixo ergativo" **-ya**. O sufixo Ergativo permite que o sujeito possa ser colocado no início da frase, se o falante quiser destacar esse elemento.

Warayo'ya paaka era'ma'pî.

S O V

⁸ Desde Derbyshire e Pullum (1981), o Macuxi vem sendo classificado como OVS. Vários autores seguem essa classificação, excetuando Carson.

Um estudo linguístico (<https://www.languagesoftheworld.info/linguistic-typology/on-statistical-universals.html>) de 1.377 línguas indica que //47,5% dessas línguas, como o Português e o Wapichana, têm a ordem SVO, enquanto as línguas que têm a ordem OVS, como o Macuxi, constituem apenas 0,9% dessas línguas. A Língua Macuxi é então uma das raras línguas no mundo que tem a ordem típica de OVS nas frases transitivas. (MacDonell, 2020, p,126-127)

Quando apresentamos as duas frases - **Paaka era'ma'pî warayo'ya** ‘O homem viu a vaca.’ (OVS) e **Warayo'ya paaka era'ma'pî** ‘O homem viu a vaca’ (SOV) -, para um consultor fluente tivemos a concordância dele sobre a possibilidade de falar “desses dois modos” em Macuxi, mas com a seguinte correspondência em Português: ‘A vaca foi vista pelo homem’ (OVS) e ‘O homem viu a vaca’ (SOV). Sendo a língua ergativa, a posposição **-ya** ‘por’ assinala o agente (e não sujeito) e os dois alinhamentos correspondem a duas estruturas sintáticas distintas: voz passiva (OVS) e voz ativa (SOV). Ainda acrescentamos que na literatura sobre a discussão sobre o (des)alinhamento de argumentos, agrega-se a possível(?) ordem OVS ao funcionamento de línguas ergativas.

2.2.1 Aspectos morfológicos e sintáticos da língua Macuxi

Uma das primeiras análises do Macuxi (em tempos mais atuais) em busca de uma sistematização gramatical se deve a Abott (1976)⁹, que, de imediato, anuncia que a descrição que faz da língua “é superficial”, se atendo ao nível da frase. A autora trabalha com a teoria tagmêmica, cuja proposta é elencar os tagmemas e lhes atribuir uma função (slot) na estruturação das frases simples e complexas. Em sua descrição, a partícula **-ya**, hoje tratada como marca de caso do sujeito Ergativo, é assim definida:

O sujeito pode ser manifestado por um substantivo (exemplo 3), um pronome (4), ou uma frase nominativa (5), mas o marcador de sujeito **-ya** sufixado ao substantivo, pronome, ou substantivo final de frase nominativa. Este sujeito livre pode ocorrer após o predicado. Quando não se dá a forma livre do sujeito, o sujeito é manifestado por um sufixo pronominal no verbo (6), seguido do marcador de sujeito **-ya**. É sublinhada a manifestação do tagmema-sujeito na forma Makúxi e na tradução literal dos exemplos.

⁹ Integrante do Summer Institute of Linguistics. Atuou na Missão Evangélica da Amazônia com os Macuxi. Há outros trabalhos anteriores aos de Abott, mas não nos deteremos em colocá-los em foco. Em capítulo precedente, já elencamos as anotações mais antigas sobre o Macuxi, tomando por base Carson 1983.

- 3) Paapaya non pata koneka'pi.
Deus lugar terra criou.
'Deus criou a terra.'
- 4) Mîkîrîya ipa'îtîpî tî'si ke.
Ele lhe bateu sua própria canela com.
'Bateu nele com a perna.'
- 5) Mîkîrî era'ma'pî para esa'ya.
O viu dono da vaca.
'O dono da vaca o viu.'
- 6) A'ta ya yei yeka'ma' pîiya .
Buraco em lenha pôs ele.
'Ele pôs a lenha no buraco.'

(Abott, 1976: 235-236)

Os exemplos acima atestam a partícula -ya marcando a agentividade do sujeito de verbos transitivos. Não encontramos registro dessa marca presa a verbos intransitivos, mas dentro de uma lista de posposições, chamadas de "tagmemas locativos", ela aparece como "pos-posição locativa: -ya 'em'" (Abott, 1976: 238). No exemplo (6) acima, retirado de Abbott, pode-se constatar dois usos da partícula -ya: "A'ta ya 'buraco em'", como locativo e como item autônomo e também marca presa ao sujeito pronominal "pîiya 'ele-por.' Em trabalhos mais recentes, como em Carson e outros, a partícula -ya aparece nomeada como caso Ergativo.

Algumas outras análises da língua Macuxi, desde Carson (1983, entre vários) e Derbyshire & Pullum (1981), classificam o Macuxi como língua ergativa. Comum a essas análises e às de outras línguas indígenas originárias do Brasil¹⁰ está uma descrição calcada num método tipológico-funcionalista, que, em linhas gerais, parte do elenco de determinadas marcas morfológicas que previamente já atestam o seu funcionamento como língua ergativo-absolutiva, ou nominativo-acusativa, podendo estar em causa línguas de padrões mistos, quando o fenômeno é cindindo.

Derbyshire & Pullum não empreendem uma análise estrita do Macuxi. Preocupados em ilustrar, ou pôr em xeque, os universais de Greenberg coletam dados de várias línguas trabalhadas por diferentes autores, discutindo a ordem

¹⁰ Não são apenas as línguas brasileiras que vêm sendo classificadas como ergativas, Confira-se Dixon (1972; 1992), entre outros autores.

dos constituintes na frase em comparação com a proposta dos universais. Sobre essa abordagem no Macuxi, Carson (1983) observa:

o caso agentivo, que ao mesmo tempo que marca morfologicamente o sujeito, indica inequivocamente a posição de sujeito na oração, o que ajuda a esclarecer a ordem dos constituintes da oração, que é sujeito-objeto-verbo (SOV) e não objeto-verbo-sujeito (OVS), conforme sugerem Derbyshire e Pullum (1981); o caso agentivo também indica ser Macuxi uma língua ergativa, o que é um fato relativamente de pouca ocorrência nas línguas mais estudadas do mundo. (Carson 1983: 89-90)

A partir desse pequeno trecho, observa-se que Carson trata como sendo similares o caso agentivo e o caso ergativo. Em outros trechos do trabalho, afirma ser a morfologia Macuxi “vastamente complexa com flexão nominal de caso, posse, número e gênero verbal de aspecto e modo, sendo tempo secundário, marcado quase que exclusivamente por advérbios temporais.” (Carson, 1983: 97). Sobre o “caso agentivo”, acrescenta:

O caso agentivo apresenta interesse especial aos pesquisadores de línguas Caribe por dois aspectos. Ele marca a posição de sujeito na frase e indica, no caso Macuxi, ser esta uma língua ergativa. Isto significa que o sujeito do verbo transitivo, com sua marca de agente, difere tanto do sujeito do verbo intransitivo quanto do objeto do verbo transitivo, no caso do Macuxi estes dois últimos se assemelham formalmente. Se o agente está na forma pronominal, o marcador de caso é sufixado ao nome, que por sua vez é posposto ao verbo (em posição OVS). (Carson 1983: 88-89)

Não sendo nossa a intenção de apontar algumas inconsistências nessas colocações, observamos apenas que a língua, em verdade, apresenta dois alinhamentos dos argumentos SOV e OVS, ocorrências previstas em função da natureza do sujeito ser um sintagma nominal pleno, ou um pronome, segundo a autora. São ocorrências previstas discursivamente, mas o que nos parece relevante é a posição OV, podendo esta ser analisada como marca de caso estrutural, atribuído pelo verbo. Admitimos, também, que a discordância de Carson com relação a Derbyshire e Pullum procede, uma vez que é contumaz autores, até nos dias atuais, selecionarem certos dados e omitirem outros a fim de sustentarem suas prerrogativas analíticas. Com base nessa postura, em vários trabalhos de hoje em dia, o Macuxi aparece como pertencente ao rol das línguas OVS sem maiores discussões, como já destacamos acima com referência a MaCdonell (2020), e em Bonfim (2022), quando retoma dado de

Whaley (1997) com confirmação de ser o Macuxi uma língua de alinhamento OVS, sem no entanto apontar que se trata da 1^a pessoa do singular:

- (13) *tuna ekaranmapo-i uuri-ya*
water ask.for.PST 1-ERG
'I (A) asked for water (O).'
(Bonfim, 2022, p 25)

Enfim, um trabalho voltado para a análise da língua em sua materialidade linguística e desenvolvido por falantes nativos, certamente, contribuirá a essa discussão e elucidará muito do que se afirma sobre a língua Macuxi, no caso, em trabalhos pautados apenas em número reduzido de dados.

3 Consultores, corpus e estratégias de análise

No texto de nossa apresentação, falamos da pouca exposição que tínhamos com nossa língua no cotidiano dessa nossa comunidade. Não se tem um registro preciso da língua Macuxi falada no dia a dia, mas temos um levantamento impreciso em relação à situação dos falantes da língua Macuxi: dos 109 membros da comunidade, temos 2 membros que são falantes, 56 falam palavras e pequenas frases e os demais membros não sabem falar. Temos 15 crianças até 5 anos de idade que não falam nenhuma palavra em Macuxi. Com a análise das entrevistas por nós realizadas, vamos trazer novos dados a esse levantamento.

Antes de dar início à análise dos dados por nós coletados, vamos abrir uma seção para falar de Severino Barbosa, cujo conhecimento sobre nosso povo, crenças, histórias de vida e de confrontos pelos quais passaram os Macuxi era tanto que o chamamos de “tronco”. Tronco que carregava “em seus galhos” toda a sabedoria ancestral do povo Macuxi.

3.1 Severino Barbosa Makuxi: um tronco, uma raiz

Meus avós Amooko (vovô na língua Makuxi) Geraldo Barbosa e Ko'ko (vovó na língua Makuxi) Lucinda Hermínio dos Santos, juntamente com mais 5 famílias, fundaram a comunidade indígena São Jorge, eles tiveram 5 filhos, José Barbosa, Severino Barbosa, Fidelis Barbosa, Petronília Barbosa e Leonilde Maria Barbosa.

Minha mãe Leonilde contava que o Amooko Geraldo era um índio Makuxi muito bonito, alto, forte e guerreiro de luta. Vovô, foi pajé, um pajé do bem, que possuía o dom da cura através de orações, usava o seu conhecimento para curar as pessoas. Cuidava dos próprios membros da nossa comunidade, assim como de outras comunidades mais distantes e não indígenas também. Fazia suas viagens sempre a cavalo e a pé passava dias viajando, atravessava rios e igarapés, matas e lavrados, por isso, acabava ficando dias fora da comunidade. Naquela época não existia transporte, carro ou moto, o seu transporte era o seu cavalo, não existia estrada e sim pequenos caminhos feitos pelos indígenas.

O pajé (Piasan na língua Makuxi) na tradição indígena é a pessoa que está preparada para curar as pessoas. Através do ritual da pajelança faz trazer o espírito de volta das pessoas que estão doentes, os espíritos protetores que incorporam no corpo do pajé, ele é apenas um instrumento para que os nossos ancestrais que já se foram possam curar com suas orações e com os seus conhecimentos e nos ensina os remédios tradicionais com as plantas que vivem nas serras, matas e lavrados.

Conforme relato de minha mãe, vovô Geraldo também curava os não indígenas e era convidado para fazer seu trabalho de cura nas fazendas e em Boa Vista. Segundo ela, naquela época era muito difícil um indígena sentar à mesa de um branco, mas o vovô era bem-vindo, sentava, conversava e comia junto com eles. Minha irmã Clotilde diz que ele tinha um amigo em Boa Vista, este tinha um pequeno comércio onde vendia bebidas e comidas. E todas as vezes que chegava em Boa Vista o visitava. Neste dia não foi diferente, mas o que ele não sabia era que o amigo estava brigado com sua esposa e que a sua esposa tinha colocado veneno na bebida e sem saber seu amigo lhe serviu da bebida que estava envenenada. Assim, não sabemos dizer a idade exata, mas meu avô muito jovem morreu envenenado, não pôde voltar para comunidade e foi enterrado no cemitério de Boa Vista.

O seu filho Fidelis casou e teve 12 filhos que se casaram e deram muitos netos, Fidelis, após a morte de sua esposa, foi morar com sua filha Rosimeres na comunidade indígena Pium, município de alto Alegre, onde conviveu com eles por muitos anos, suas netas cuidavam dele com muito carinho, preparavam sua alimentação, conversavam, ouviam suas histórias, lhe davam banho até os últimos dias. Ele também foi um grande pajé, tinha o dom da cura, curou muitas pessoas, crianças, jovens, mulheres e homens. Cuidava de indígenas e não indígenas, trabalhava com seus espíritos Insikiran, Maruai e com seus protetores que são os nossos ancestrais encantados na natureza. Além da oração, usava os remédios de cura com as plantas medicinais da natureza, através de banho, pomadas e chás.

O Insikiran é um ser sagrado um curador e todas as vezes que iniciava o seu ritual tinha o momento do canto do Insikiran, canto feito na língua Makuxi,

canto que traz a paz interna, a purificação do corpo e da mente. É difícil explicar com palavras porque é o momento de sentir, ouvir e se emocionar com a oração.

O Maruwai também é um pajé que é encantado, mora na serra do Marari, planta usada para fazer pomadas para dor de cabeça e sua resina é usada para defumar o ambiente antes de começar os rituais de cura, para trazer o espirito de volta quando estão doentes. A defumação também é usada antes de começar os trabalhos nas grandes assembleias, nas reuniões, nas manifestações, para que nada de mal aconteça com o nosso povo indígena. Para fazer a retirada das cascas, folhas e a resina do Maruwai é necessário passar pelo ritual do pintar o rosto com urucum, esse é o momento de permissão da natureza para subir a serra. O tio se encantou após pegar uma pneumonia aos 83 anos de idade deixando muitas histórias, vivencias e ensinamentos de um povo.



Figura 3: Serra do Marari, Surumu, Terra Indígena Raposa Serra do Sol
Fonte: Irani Barbosa dos Santos (acervo pessoal)

Conforme relatado pela minha irmã Clotilde, hoje com 66 anos, com a morte do vovô Geraldo, o tio Severino assumiu a liderança da comunidade juntamente com sua mãe Lucinda. Estes passaram a incentivar a comunidade a fazer as plantações de roça para que não faltasse comida para os filhos, netos e membros da comunidade. Sempre foi um incentivador da sua cultura estava sempre animando o povo. No trabalho de ajuri, sempre coletivo, todos iam para

a roça, crianças, jovens, mulheres e homens, voltávamos no final da tarde ou às vezes dormíamos na roça. Lá na roça vovó Lucinda preparava batata, banana e macaxeira assada, mingau de banana tudo muito saudável. Preparava também a damorida de peixe e sempre tinha o caxiri. A damorida é a nossa comida tradicional, um caldo preparado com peixe, pimenta ardida, folha de pimenta e pode ser comido com farinha de mandioca ou beiju.

Os homens saíam para pescar e caçar (veado, porco caititu, capivara) na serra do papagaio e na serra do Banco, a caça e a pesca eram sempre para o consumo das famílias e nunca para a venda.

Durante o período que saiu para trabalhar com os brancos quando retornou trouxe galinha e porco para comunidade. Pensou que poderiam criar em casa para o sustento das famílias. Ainda lembro um pouco da Vovó Lucinda, também era uma mulher indígena, forte, bonita, alegre, determinada falante da língua Makuxi e que junto com seu filho assumiu a liderança da comunidade. Após a morte do vovô Geraldo, ela não se casou mais e viveu na comunidade São Jorge juntamente com o seu povo. No ano de 1982, vovó Lucinda veio a óbito, uma grande tristeza, perdíamos a mãe da comunidade, ela foi enterrada aqui na comunidade. Era necessário seguir.

Tio Severino, o filho mais velho, casou duas vezes, no primeiro casamento teve 4 filhos, e no segundo 7 filhos, estes lhe deram muitos netos. Ele, homem muito ativo, de grande sabedoria, de boa saúde, não tinha nenhum tipo de doença, foi um homem muito alegre, incentivador da comunidade a lutar pelos seus direitos, falante nato da língua Makuxi, tinha muitas histórias (panton na língua Makuxi), gostava de conversar, contar suas experiências de vida de quando era jovem e quando estava velho. Falava de qualquer assunto educação, saúde, terra, demarcação de terra, igreja, alimentação, cultura e língua indígena. Gostava de pescar, de andar a cavalo pelo lavrado e de cantar na língua Makuxi, animava o seu povo. Era um líder nato, foi tuxaua por 20 anos na comunidade. Mesmo não exercendo mais a função de tuxaua sempre era consultado, ouvindo a sua opinião para tomar uma decisão na comunidade.

A sua fala era muito forte e respeitada, ali tinha a voz da experiência do conhecimento vivido. Um fato que lembro era que sempre falava que não queria que fosse construída na comunidade uma igreja protestante. Pois, desde a

época de seus pais, já existia a igreja católica e que a comunidade continuava sendo católica.

Sempre nos falava que era importante sentir, conhecer e respeitar a nossa cultura, costumes, a tradição, os limites da terra indígena, os rios, os igarapés, as matas, lavrados e a língua indígena. Era visível o conhecimento indígena, nunca se referia a leis que ampara o povo indígena, a exemplo a Constituição Federal, mas falava do direito indígena de povo e sua idade era referência como de seus pais que já moravam neste lugar e faziam suas defesas cuidando da natureza, cuidando do seu povo.

Após a morte de sua esposa Araci, sua filha Marilda, juntamente com seu marido e filhos, passaram a morar com ele na sua casa. Cuidavam da sua alimentação, higiene e da sua saúde. Gostava muito de comer damorida, peixe assado, banana, mingau, carne de gado, farinha, beiju, arroz e frutas: manga, pitomba, ata, caju, laranja, buriti não tinha restrição com nenhuma alimentação.

Estava sempre sentado, com seu chapéu, e seu meesepu (varinha, que significava ajudar a ele ficar forte e firme) que estava sempre na sua mão e ajudava a caminhar. Via a serra do Marari que fica de frente à comunidade, observava, cantava, sabia quando ia chover, quando o verão ia ser muito forte e que os animais sofreriam de sede.

Ali recebia visitas dos parentes da comunidade, filhos, netos, compadre, comadre, como de amigos de outras comunidades, ainda conseguia caminhar sozinho na comunidade, mas com o passar dos anos, os passos ficaram mais lentos e sentia-se cansado; dizia que não tinha mais a mesma energia. Então, a comunidade sempre atenta e preocupada com o bem-estar comprou uma cadeira de roda para ajudar na locomoção.

Era um dia comum na comunidade, estávamos no barracão de farinha, dia de fazer farinha da roça comunitária, dia de chuva, pensávamos que seria só mais uma gripe comum. Mas já sabíamos que a covid-19 estava nas comunidades indígenas, mas o que não sabíamos é que já estava na nossa comunidade.

Então, ficamos doentes, a equipe de saúde veio e detectou que estávamos com COVID-19, pediu para isolarmos os membros da comunidade, ninguém visitava, ninguém brincava e a comunidade ficou muito triste. Ficamos

mais preocupados porque tio Severino tinha pego também. Ele, forte, ciente da gravidade não se abalou por ser uma doença que não conhecíamos. Então, as mulheres fizeram remédios tradicionais, chás, xaropes, máscaras e distribuíram na comunidade. E fomos nos recuperando, não perdemos nenhum membro da comunidade para Covid-19. A comunidade ajudou também a outras comunidades fazendo entregas de máscaras e remédios tradicionais.

Era muito difícil ele tomar remédio do branco, sempre tomava remédios tradicionais, de plantas da natureza. O mesmo sempre dizia que não tinha nenhuma doença, que sua doença era velhice e não tinha cura e que ninguém escapa da velhice. Que agora não era mais um velho e sim um velhinho que, quando novo, cuidou de outros velhinhos, agora estavam cuidando dele.



Figura 4: Irani Barbosa dos santos, Tio Severino Barbosa foto do lado direito com 99 anos e do lado esquerdo com 102 anos.
Fonte: Irani Barbosa dos Santos (acervo pessoal)

Em reunião comunitária, a comunidade viu a importância de homenagear e decidiu colocar no calendário da comunidade e da escola o aniversário do Severino Barbosa, 21 de dezembro, uma festa tradicional, que enquanto em vida seria comemorado, em reconhecimento a sua luta e por ser o ancião mais velhinho da nossa comunidade. Todo ano seria doada uma vaca e os membros da comunidade ajudariam com peixe, damorida, arroz, macarrão, óleo, farinha, verduras, bolo e nos demais preparativos. Um momento importante é quando ele pede que sua festa seja com bastante cantos indígenas e dança do parixara. Ele sentia-se triste porque não estavam cantando parixara. Então, foi também um

grande incentivo à comunidade e à escola a começar ou recomeçar a fazer os cantos e dança indígenas. Desta forma, se iniciavam os preparativos para o seu aniversário. No dia, usava uma camisa, calça comprida, sapato, cocar, colar (mo'mo na língua Makuxi), tomava café com os convidados, missa pela manhã ou culto com catequista indígena, intervalo para fazer um lanche, logo após, cantos e dança indígenas, meio dia, almoço com a comunidade e todos os seus convidados. Sempre pedia que convidasse os seus amigos mais velhos, assim, poderiam conversar mais um pouco sobre suas histórias. Sempre agradecia, sentia muito feliz e orgulhoso com a sua festa!

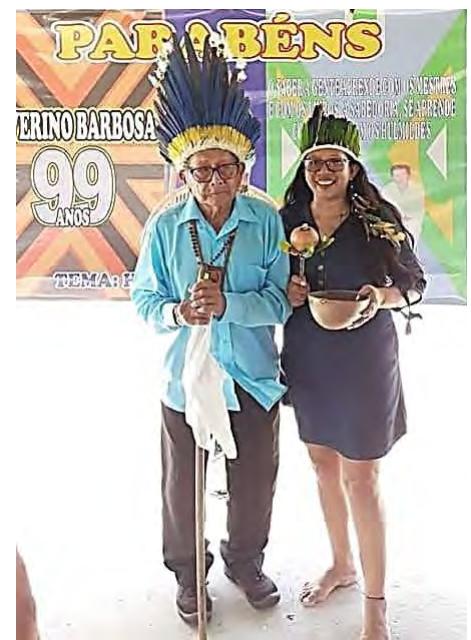


Figura 5: Irani Barbosa dos santos (recepção dos alunos Makuxi cantando e dançando parixara no aniversário de 99 anos).

Foto: Irani Barbosa dos Santos (acervo pessoal)

A língua Makuxi é uma língua muito bonita, quando ele falava me enchia de orgulho, de vida. Ele falante nato da comunidade São Jorge, existem outros Makuxi falantes nas terras indígenas, no estado de Roraima. Mas também ficava triste, porque eu não conseguia falar fluentemente com ele, sei que ele sofria porque não tinha ninguém que falasse com ele, falava com os professores de Makuxi ou quando um parente Makuxi vinha visitar, pois sempre pedia para ir para Maturuca, comunidade que quando novo visitou e havia muitos falantes da língua Makuxi. Me contou que no dia dos pais era comemorado com muitos

cantos indígenas, cantou um canto tradicional, mas que agora só falam o português, a escola só fala o português. Também tinha uma preocupação que quando morresse quem iria falar Makuxi. Mas soube que agora os alunos estavam estudando na escola para aprender Makuxi, porque tinha chegado professora Makuxi para ensinar.

O tio não era pajé, mas um rezador do bem que fazia o bem para as pessoas, não rezava para o mal. Suas orações eram feitas sempre com folhas de pião roxo e maruwai, suas orações estavam na língua Makuxi. Momento de cura entre o espírito da natureza maruwai e com a língua tradicional de um povo. Rezava em bebês, crianças, jovens, homens e mulheres. Curava susto, quebranto, dor de cabeça, pessoa engasgada com espinha de peixe, pessoas tristes. Preparava banhos de plantas tradicionais, pomadas e chás. Quando uma pessoa não quer se alimentar preparava água, ou comida para voltar a comer. O tio por várias vezes rezou em mim, a última vez foi quando em 2021 peguei covid-19 pela segunda vez, então, tomei a medicação e ao terminar sentir muita dor no estômago e vômito. Fui ao médico e me informaram que era ainda sequelas do covid-19. Mas com o passar dos dias fui ficando muito fraca e voltei para a comunidade. Lá continuei com dor e vômito, minhas irmãs e comunidade ficaram preocupadas porque eu tomava os remédios e não passava. Então, a minha sobrinha Marilda foi pegar o tio e disse: - reza nela, ela não para de vomitar e já está muito fraca!, decidiram me levar para o hospital. Rezou em mim e disse para ir e que no outro dia rezaria em mim de novo.

No outro dia, foi lá em casa me pediu para sentar, pegou o seu maruwai queimou, senti o cheiro do maruwai, rezou na minha cabeça, meu corpo com o espírito do maruwai, viu queimar e apagou o fogo que queimava a resina. Me disse, minha filha vai, sua doença não está aqui. Quando ele diz não está aqui, é porque é doença de branco que os médicos não indígenas curam. Eu estava com lama biliar e tive que fazer uma cirurgia.

Severino, homem de grande sabedoria tradicional, que viveu a resistência de um povo, relata, que mesmo quando muito jovem ajudou o marechal Rondon na demarcação da terra indígena, ele era o de carregar a lona com que faziam os acampamentos e que pela primeira vez viu e usou sapato, mas não gostou pois machucava o seu pé.

Também contribuiu com o seu conhecimento na formação de alguns acadêmicos indígenas e não indígenas contando sua experiência de vida e suas histórias que em Makuxi chamamos de Panton, conhecimento que chegou nas Universidades. Na dissertação **Filigranas de vozes... performance dos narradores e o jogo de significados nas narrativas orais indígenas da comunidade indígena São Jorge**, ano 2013, Georgina Silva documentou o panton do tio Severino contando como quase foi enviado para a guerra.

Conforme relato, Severino Barbosa nunca frequentou a escola, mas é o único que fala a língua Makuxi na comunidade. Aprendeu com seu pai Geraldo Barbosa, um dos fundadores da comunidade, muitas histórias que hoje são contadas. Quando entrevistado, as sessões narrativas ocorreram nas línguas portuguesa e Makuxi. Além, das histórias, o senhor Severino Barbosa relatou alguns eventos importantes de sua vida, exemplificando, foi o único indígena da sua comunidade a ser recrutado para participar da 2ª Guerra Mundial. Não foi enviado porque logo chegou a notícia de que a guerra acabara, outro fato que conta com muita emoção foi a sua participação na Demarcação da Terra Indígena Raposa serra do Sol. Foram meses carregando materiais (pedra, cimento, areia). (Silva, 2013, p.41).

No livro **Panton Pia, Eremukon do circum – Roraima**, com os autores Devair Antônio Fiorotti e Terencio Luiz Silva, as histórias contadas não são lendas nem mito, são histórias vividas, deixadas pelos seus ancestrais.

Assim, diz o autor, acrescento a isso o que me disse o ancião Severino Barbosa, da comunidade São Jorge, quando pedi que ele contasse os mitos e lendas de sua comunidade. Ele me disse, “isso é panton, para nós indígenas.” Panton em geral traduzido por história. (Fioroti, 2018, p.29).

No livro, **As fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco**, Paulo Santilli, (1994) referiu-se à comunidade São Jorge, revelando que este nome foi dado à localidade pelos monges beneditinos. O autor percebeu uma especificidade política, diferente do padrão tradicional. E que percebeu a humildade de Severino ao relatar sobre o cargo de tuxaua.

Conforme o autor,

seu principal líder relembrava, há algum tempo atrás, que preferia que outra pessoa se incumbisse das funções de tuxaua, pois, sentia-se intimidado para desempenhar a função “porque não sabia falar português” (Severino Barbosa, depoimento, janeiro de 1986, *apud* Santilli, 1994, p.104).

O Tio com sua oralidade ensinou várias gerações, uma bela memória, viveu a cultura, tradição e costumes, nos ensinou a lutar com a arma do branco que é a escrita e o papel. Assim, nosso livro se fechou. No seu aniversário de 102 anos fez sua última fala em público para a comunidade e os seus convidados. Ele falou assim:



Figura 6: Foto: aniversário Severino Barbosa de 102 anos
Foto: Irani B. Santos (acervo pessoal)

Bom dia!

Para todos, para os meus netos, pros meus sobrinhos, minhas tias também, meus amigos, que vem participar da minha festa, eu não tô mais bebê, eu não sou mais um velho, sou um velhinho, mas já fui novo, já fui soldado, eu vivi no quartel muitos anos. Já andei tudo. Hoje quero agradecer vocês que já to velho, lá na casa a Marilda está me cuidando, eu já tive ruim de saúde, eu vou agradecer vocês todos, não é só um, todos nós. Eu tô feliz não tô ficando novo, vovô. Taa pî nandî! (Você们 ouviram!)

Fez um canto de Natal na língua Makuxi e encerrou sua fala. (21 de dezembro de 2022). Tio Severino, dos 5 irmãos, o último vivo da família Barbosa, o tronco, a raiz da família, fundador da comunidade, adoeceu, ficou muito gripado, fraco, não conseguia mais se alimentar sozinho, ainda falava forte, mas o seu corpo não atendia. Os membros da comunidade passaram a se revezar na casa dele acompanhando, ajudando a Marilda a dar água, comida e ficar com ele, pedia para cantar, rezar, cantar em Makuxi, amanhecer com ele. Assim, ficamos dias com ele. Havia momentos que só falava em Makuxi, estava se despedindo de rezador com seus espíritos, com sua família, dizia que todos estavam ali ao redor dele, se despediu da gente falando Makuxi. Muito lúcido, foi morar com seus ancestrais, aos 102 anos no dia 29 de setembro de 2023, muitos amigos dizem que tinha mais idade. Quando nasceu era difícil para tirar o registro de nascimento, registrava quando a criança já era grande e os pais não tinham a data exata de nascimento, então calculava-se um aproximado de ano para a criança.

Ele continua vivo na nossa memória, no coração, na nossa história, na nossa cultura, na resistência de um povo.

O seu neto filmou e depois a professora Clenilde transcreveu e traduziu para a comunidade. Concluiremos essa parte do trabalho com as últimas palavras do tio Severino:

<p>Ai nene'pe wai, Uyenya yapi'kí, Utti'to' weiyu erepanípî man. Itíipai pra wai Upíikatíkí! Ensarâ yamî man tarî. Uyeramai to' iisa Upíikatíkî amooko piasan Amîri iisa uyeramai? Inna moriya uuri yakî Itiipai pra wai tiise uutí'to' Ereepanípî man. Uutî sîrîrî Uutî sîrîrî ypayan yamî Wítînpî wai upaata Wítînpî wai umuku yamî. Wítînpî wai upayan yamî E'nî'mîtî paapa yakkîrî moro pai pri'ya.</p>	<p>Ai como dói, segura minha mão, chegou a hora da minha viagem. Não quero ir, me ajuda. Os anjos já estão aqui, vieram me buscar. Me ajuda vovô pajé, você já veio me buscar? Então me leva. Não quero ir, mas infelizmente vou ter que ir. Estou indo, meus netos. Tchau minha terra, tchau, meus filhos, tchau meus netos. Fiquem com Deus e com saúde!</p>
---	--

3.2 Coleta de dados e consultoria

A coleta dos dados que compõem nosso corpus se restringiu à Comunidade Indígena São Jorge. É comum na comunidade indígena informar em reunião comunitária quando um membro sai para estudar, ou passa no vestibular ou em outros cursos de formação. Desta forma, informei à comunidade, à Tuxaua e aos demais membros que havia sido selecionada para o curso de Mestrado Profissional em Linguística e Línguas indígenas, ministrado no Museu Nacional, unidade pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que, naquele momento, pedia permissão para desenvolver atividades na comunidade relacionado ao projeto apresentado à banca de seleção ao Mestrado. A comunidade muito alegre sempre está pronta para colaborar com os seus membros.

O segundo momento foi informar e solicitar a permissão em reunião comunitária para realizar a atividade de entrevistas com as famílias relacionadas à língua Makuxi, para o desenvolvimento da dissertação. A partir deste momento todos da comunidade ficaram cientes que estaria visitando as casas.

Atualmente, a comunidade tem 28 pais de família e com a população de 121 pessoas sendo que foram entrevistados membros de 14 famílias, contando com o total de 36 consultores. A entrevista foi realizada, em alguns casos, com

todos os membros da família. Com outras entrevistas, somente alguns responderam por não se encontrarem em casa no momento da entrevista.

A atividade de entrevistas aconteceu do dia 03 a 18 de dezembro de 2024. Ao iniciar sempre fazia uma consulta se o consultor gostaria de responder a entrevista, alguns ficavam pensativos, mas ao esclarecer que não precisava escrever na língua Makuxi, e que seria para estudar a situação da língua Makuxi na comunidade, concordavam.

Quando era uma família que tinha consultor de menor idade, me dirigia aos pais pedindo autorização para a entrevista, em seguida, explicava o formulário às famílias, lia o questionário com os consultores, quando havia dúvida tudo era esclarecido. Com os mais velhos, eu lia e eles respondiam as questões, assinalando uma ou mais opções de resposta. Observei que os consultores se sentiram muito à vontade e nenhuma família se negou a responder. Apenas houve desencontro pelo fato da comunidade estar em comemoração à festa dos finalistas da escola, ou por estar em trabalho familiar, mas em seguida combinávamos um horário que ficava melhor. Momentos gratificantes e emocionantes também em ver que muitos relembraram e comentaram sobre a importância da língua; uns buscavam na memória algumas palavras soltas, que pareciam estar guardadas há muito tempo e que a qualquer momento viria na sua oralidade. Os mais velhos falavam com saudade, quando se comunicavam com seus pais, ou quando ouviam falar, cantos, orações em Makuxi.

Quando iniciei as entrevistas tínhamos definido uma faixa etária de 10 anos em diante, mas encontrei em uma das famílias consultor com idade abaixo do que havíamos definido; com isso foi alterada a faixa etária pelo fato da família entender a importância do trabalho.

Conforme íamos conversando ficava mais claro sobre o grau de fluência dos consultores, aqui passo ao relato sobre os de 7 a 20 anos. A consultora relata que fala algumas palavras e vai citando nomes de animais, ao sair de sua casa me encontrou próximo à escola e foi logo falando nomes de animais em Makuxi para me responder. Foi interessante, pois interagiu muito bem e mostrou que está aprendendo cada vez mais. Senti a alegria no seu olhar quando

respondia ou falava palavras corretas e também me fazia perguntas em português para eu responder em Makuxi.

Houve o caso de uma consultora que respondeu as questões, mas ao justificar a resposta dada à questão (2), respondeu e logo em seguida apagou. Vi que se sentia um pouco envergonhada.

Muitos consultores relataram a importância dos pais também aprender o Makuxi, porque os filhos estão aprendendo na escola e quando chegam em casa não tem com quem falar.

Na faixa etária de 21 a 40 anos, uma das consultoras é filha de pai Makuxi e mãe Wapichana, casou-se com Makuxi e se propôs a responder o questionário porque se identifica Makuxi e que estudou na escola a língua. A consultora relata que sabe algumas palavras em Makuxi e que os professores de língua materna poderiam falar só em Makuxi, assim os alunos aprenderiam mais um pouco. A consultora diz que sabe poucas palavras, mas as que sabe pronuncia corretamente.

Um outro consultor aprendeu a falar e escrever em Makuxi e na escola participava do grupo de animação, onde cantavam e dançavam parichara nas apresentações.

Na faixa etária de 41 anos ou mais, um consultor relata que saiu muito jovem da casa dos pais para trabalhar nas fazendas dos brancos, mas que não aprendeu o Makuxi fluentemente por falta de interesse, porque o seu pai falava fluentemente. Sabe algumas palavras soltas.

Uma consultora relata que sabe poucas palavras mas fala orgulhosa do seu filho que sabe cantar, sabe palavras e não se sente envergonhado. Que sempre participou do grupo da escola. Estes se apresentavam na comunidade, viajavam junto ao grupo de animação da região Surumu para as assembleias dos tuxauas e professores para fazer apresentação de cantos e danças do parichara na abertura ou no intervalo do evento. Usavam colares, cocar e pinturas com urucum e jenipapo e se juntavam a outros grupos de outras regiões.

Uma outra consultora fala fluentemente, aprendeu com sua mãe que fala muito bem o Makuxi, ela veio da comunidade indígena Guariba para dar aula na escola da comunidade e tem colaborado bastante com seus conhecimentos.

Uma outra consultora relata que quando criança foi morar na casa de família não indígena em Boa Vista para cuidar de crianças e que não tem muitas lembranças. Outra relata que estudou no internato São José e via que quem falasse a língua Makuxi era punido e que sabe algumas palavras soltas e cantos. Mas hoje os padres chamam a atenção, porque nós não falamos o Makuxi, mas ele esquece que já proibiram no passado. E que agora que já estamos velhos não vamos mais aprender.

Pelo fato de uma de nossas consultoras ser a anciã com mais idade, fiz a consulta a ela e a sua filha com quem mora para realizar a entrevista. Ela está alegre e sorrindo. Relata que sabe falar algumas palavras em gíria, ela sempre fala gíria, termo usado por ela para se referir à língua Makuxi. Percebi que é muito forte o termo usado por ela, sinal de que no passado houve uma pressão muito forte para que ela deixasse de falar e ter vergonha da língua Makuxi. Faz relatos de algumas histórias indígenas como o nome dado à serra do Mairari e à Serra do Banco. Cita o nome de algumas frutas e nome de animais e que está ensinando sua neta para que saiba falar quando sair da comunidade. E o que ela sabe foi o que ela escutou.

Uma outra senhora diz que não sabe falar mesmo que repita palavras e cante em alguns momentos. Que não sabe escrever e não tem a oralidade da língua. Que estudou no internato em Boa Vista e que quando voltou para a comunidade foi convidada pelo padre para dar aula de português na comunidade indígena Canta Galo. Ensinar a falar o português, só ensinava o português quando a criança falava “tuna” que significa água; então ela dizia “tuna não”, “água”!. E que não aprendeu a falar o Makuxi fluentemente. Mas que hoje pede ao seu neto que aprendeu na escola a escrever e ler, que leia nomes e cante cantos em Makuxi para ela ouvir.

Sobre outro consultor, este relata que quando seus pais falavam em Makuxi pediam para as crianças saírem e ir brincar e que somente os mais velhos se comunicavam em Makuxi. “Talvez por isso não aprendi.”, diz ele.

O apanhado de observações que fizemos até aqui descrevem as condições de produção em que se deu a nossa coleta de dados. São diversas as situações que ao longo tempo vêm contribuindo ao silenciamento da língua

em nossa Comunidade. Mas ficamos felizes em verificar que todos consideram importante retomar a língua Macuxi no nosso dia a dia.

4 Análise

As nossas estratégias de análise se pautaram pela tabulação das 36 entrevistas (cf: Anexo II) obtidas de forma espontânea, colhidas presencialmente na comunidade São Jorge e com autorização para usar os dados das entrevistas (cf: Modelo de entrevista no Anexo I). Assim, esse total corresponde a 36 consultores divididos por três faixas etárias diferentes: 07 a 20 anos; 21 anos a 40 e 41 anos ou mais.

O conteúdo das entrevistas ficou agrupado em três questões: uma de múltipla escolha, contendo 10 opções de resposta, podendo ser assinalada mais de uma opção; outra também de múltipla escolha, com 4 opções de resposta, podendo também se assinalar mais de uma opção e um terceira discursiva, para a qual se solicitava justificar a resposta dada na pergunta dois.

A análise desse material se efetuou de forma quantitativa e qualitativa, tomando como base teórica para a análise os conceitos apresentados no capítulo 1 e outros a serem explorados no corpo das nossas reflexões. A análise das respostas discursivas foi feita a partir da proposta de Courtine (2016), quando considera que, após a estruturação do corpus, chegamos ao que se pode considerar uma montagem discursiva, a qual é estruturada em sequências discursivas (**SDs**), sendo estas possíveis de recortes, como propõe o autor.

Passemos às nossas considerações, visando atender aos objetivos aqui propostos, sobretudo à nossa meta principal: investir na (re)vitalização do Macuxi, no ensejo de que ela não venha a ser totalmente silenciada.

4.1 A fluência do Macuxi entre os mais jovens

Ouvir os mais jovens é de grande importância para a (re)vitalização da língua materna, pois está nas mãos desses jovens falantes não só o futuro da nossa língua, como também saber deles, ou pensar junto com eles, no investimento de um projeto de política de fortalecimento da língua Macuxi.

Vejamos como ficou a tabulação das suas respostas. Abaixo das tabela (1) e (2) reproduzimos as opções de resposta contidas nas fichas das entrevistas, sendo as mesmas identificadas por letras entre parênteses. Esse tipo de notação se aplicou às respostas das três faixas etárias com as quais trabalhamos.

QUADRO 1- GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI

	13 CONSULTORES		FAIXA ETÁRIA – 7 a 20 ANOS								
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	
1						X			X		
2					X			X	X		
3									X		
4									X		
5		X						X	X		
6	X			X							
7	X										
8									X		
9	X						X				
10	X			X				X		X	
11				X				X	X		
12	X						X		X	X	
13				X		X		X		X	

(a) fala corretamente; (b) fala um pouco; (c) conta alguns mitos, ou trechos; (d) conhece nomes de plantas; (e) usa palavras de saudação, ou de chamamento; (f) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi; (g) comprehende melhor do que fala; (h) canta algumas músicas; (i) fala algumas palavras e frases; (j) conhece nomes de objetos culturais

A amostragem quantitativa dos dados no quadro (1), nos revela que 46% dos jovens declaram que falam um pouco a língua materna, e 61% discrimina esse “falar pouco” com a opção (i): fala algumas palavras e frases. A nosso ver esse estágio de fluência entre os jovens é bastante significativo, pois podemos constatar que eles não se colocam alheios à língua materna. Entretanto, nenhum deles “fala corretamente a língua”. Mas, positivamente, é muito clara a sua identificação com o Macuxi como falantes, o que nos leva a reconhecer a sua posição-sujeito como aquele que reafirma o que Souza define como identidade etno-discursiva.

Um outro dado que vem reforçar essa postura de se reconhecer como falante do Macuxi – e ao mesmo tempo podermos contribuir ainda mais à definição de identidade etno-discursiva – está nas duas outras opções mais assinaladas, no caso as que abrangem “conhecer nomes de plantas” (31%) e “cantar algumas músicas” (38%). Elementos marcadamente étnicos e que sustentam, por sua vez, a proposta de Souza em assinalar os dois movimentos da memória que se instauram na língua: a memória da língua em curso – na nomeação de plantas – e a memória de pertencimento à língua, no caso, a memória da língua cantada¹¹.

¹¹ Souza, desde 2019, desenvolve o projeto (CAPES/PRINT) “Língua cantada, memória e discurso”.

**QUADRO 2 – RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE
SILENCIAMENTO DA LÍNGUA**

13 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 7 a 20 ANOS					
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)
1				X	
2	X				
3					X
4	X				
5	X				
6			X		
7				X	
8					X
9	X				
10		X			
11	X	X			
12	X	X		X	
13	X				

(a) criação fora da comunidade; **(b)** imposição de internatos religiosos; **(c)** decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou punidos pelas entidades religiosas; **(d)** imposição das igrejas; **(e)** não respondeu

O quadro acima apresenta uma situação que não é única entre os Macuxi: o não contato com a língua, quando criados fora da comunidade. 54% dos jovens apontaram ser essa a principal causa do gradativo silenciamento da língua. Esse percentual se conjuga com dois outros (23%), assinalando as opções (b) imposição de internatos religiosos e (d) imposição das igrejas. Tal quadro se repetiria em outras comunidades com falantes de qualquer língua indígena. E é reflexo de uma situação histórica: a violência contra os povos originários, resultado de diferentes formas de dominação por imposição religiosa, por imposição do estado imperialista, por vergonha de ser indígena dada a discriminação imposta pela sociedade envolvente e por medo de que filhos e netos fiquem sujeitos a todo e qualquer tipo de violência. A propósito, Souza (2024a, p. 208) sobre o silenciamento das línguas se nega a falar de uma relação de “contato entre línguas”, mas sim de confronto: “São línguas de povos cada vez mais espoliados, sempre sujeitos à mercê da violência, seja ela física ou simbólica.” Acrescentamos que a violência física e/ou simbólica caminham sempre juntas.

Quanto a essas opções mais marcadas, estas também são apontadas por indígenas das mais diversas etnias no que se refere a práticas dos internatos

religiosos, ou proibindo falar a língua materna – quando se desobedecia essa ordem, os alunos eram castigados -, ou, numa região como a do Alto Rio Negro com uma grande diversidade linguística, era imposta falar uma única língua étnica, no caso, o Tukano. A esse respeito, Santos (2024) nos diz:

Na região do Rio Uaupés e seus afluentes, inicialmente, os salesianos toleraram o uso da língua tukano em detrimento do uso das demais línguas da Família Linguística Tukano Oriental. [...]

A estrutura escolar e a política de ensino dos internatos salesianos geraram um deslocamento linguístico de diversas línguas da Família Linguística Tukano Oriental para uma única língua indígena, a saber a língua tukano, que a partir de então, passa a ser utilizada como língua franca na região. A partir de então, ocorre na calha do Rio Uaupés o processo de hegemonização da língua tukano, tal processo de deslocamento linguístico é chamado por muitos indivíduos da região de “tukanização”. (Santos, 2024, p. 17-18)

Sobre essas condições que sustentam o que é uma formação escolar em instituições religiosas, pode-se dizer que elas remontam ao século XVI, entretanto notamos uma diferença entre as práticas dos Jesuítas e das entidades religiosas nos dias atuais. Os Jesuítas buscavam aprender a língua, no caso, o Tupi, tanto assim que Anchieta escreve *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil* (1595), referendada até hoje pelos estudiosos das línguas do Tronco Tupi e que escapa, segundo o professor Aryon Rodrigues, ao que denunciou Mattoso-Câmara (1965) sobre a disciplinização do Tupi:

Há de se observar, a partir de Mattoso Câmara, que o primeiro contato das línguas indígenas brasileiras das etnias TUPÍ da costa com a forma de saber das gramáticas gerais se deu pelos missionários e sua disciplinização jesuítica no início do processo da colonização: “Usou a língua, assim disciplinada, na catequese; e o índio, ao mesmo tempo que se aculturava religiosamente, também se ia linguisticamente adaptando” (CÂMARA Jr., 1965, p. 102, *apud* Dias, *et al.* 2022, p. 207)

**Quadro 3 - IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE
UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGU
MACUXI**

13 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 7 A 20 ANOS			
	SIM	Não	Talvez
1			X
2	X		
3	X		
4	X		
5	X		
6	X		
7	X		
8	X		
9	X		
10	X		
11	X		
12	X		
13	X		

As respostas dadas à questão três espelham o desejo dos jovens de vivenciar o Macuxi com plena fluência. A questão, seguinte a essa, justifica o porquê de se investir num projeto de (re)vitalização linguística. Vejamos essas justificativas.

SD 1

(x) **talvez**, porque a nossa comunidade tem [que] pôr pessoas que falam Macuxi. Na nossa prática nós tem que aprender a fazer pinturas indígenas, brincadeiras de Macuxi em sina os jovens aprender a saber como é os canto em Macuxi.

O argumento do consultor na **SD1**, de 15 nos de idade, aponta por um lado a necessidade de um projeto em prol da língua Macuxi, mas parece colocar em dúvida a execução desse projeto, levando em conta o pouco número de falantes Macuxi na comunidade. A realização desse projeto investiria não só na aquisição plena da língua, mas também na manutenção de práticas culturais.

O quadro a seguir reúne na **SD2** todas as falas dos demais consultores que responderam ‘sim’ à questão (2).

SD 2

(x) sim,

Porque a nossa comunidade continuar falando a língua Makuxi.

Para falar em Macuxi.

Pra não deixa a língua Makuxi morrer.

[não justificou]

[não justificou]

Porque nossos anciões todos falavam e com o passar do tempo essa crença da língua Makuxi vem acabando, e todos nós temos que começar essa nossa função que é aprender a língua Macuxi.

Para conhecer a nossa istoria.

Porque seria um projeto muito bom pra comunidade é tanto jovens quanto os mais velhos vão se interessar por esse projeto.

Por quê é importante nossa cultura é importante Pelos alunos da comunidade.

Um projeto de revitalização da cultura Macuxi é essencial para que podemos aprender mais sobre a língua Macuxi.

Sim para preservar as tradições e a sua cultura.

Porquê muitos não sabem porque é a nossa cultura porque queremos aprender mais sobre a língua Macuxi porque gostamos de falar a nossa língua por isso.

O primeiro dado importante a ressaltar é que todos os jovens concordam com a necessidade de um projeto que abarque uma política de língua. No caso do Macuxi é de extrema relevância que tal projeto se efetive como um projeto de política de língua *dos indígenas*, e não *para os indígenas*.

Um outro aspecto importante reside no desejo desses jovens – alguns são bem jovens, com 7, 8 e 9 anos de idade – “em saber aprender mais sobre a língua Macuxi porque gostamos de falar a nossa língua”. E uma vez sabendo a língua, os jovens atribuem a si “a função de não deixa(r) a língua Macuxi morrer”,

querem “conhecer a nossa istoria” e “aprender a fazer pinturas indígenas, brincadeiras de Macuxi”. É claro nessas colocações que preservar a língua é preservar as tradições, é revitalizar a cultura Macuxi. E mais uma vez, recuperamos aqui a noção de identidade etno-discursiva calcada no conceito de “falante” e não de “usuário”. Não importa o muito, ou pouco, que sabem dizer em Macuxi, mas dizem e repetem: nossa história, nossas brincadeiras, nossos cantos, nossas tradições, nossa cultura, nossa língua!

É comum em muitas línguas indígenas duas marcas gramaticais para dizer “nós”. Uma inclusiva que abrange a todos, independente da filiação étnica. Outra exclusiva aos indivíduos de uma mesma identidade étnica e discursiva¹². Na fala de todos o uso de “nossa” acusa essa filiação identitária e étnica, que se institui *na e pela língua*.

4.2 A fluência do Macuxi entre os adultos jovens

No grupo de adultos jovens, temos 11 consultores que se expressam sobre a fluência da língua. Dada a faixa etária dos mesmos, não sabemos dizer, por ora, até que ponto suas posições-sujeitos Macuxi se materializam de forma diferente, ou semelhante, dos consultores mais jovens. Passemos às tabelas.

QUADRO 4 - GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI

11 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 21 a 40 ANOS

	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)
1									X	
2				X				X	X	
3	X	X			X				X	
4					X			X	X	
5									X	X
6					X					
7		X		X				X		X
8					X			X	X	
9				X	X			X	X	X
10				X	X	X		X	X	X
11				X	X				X	X

- (a) fala corretamente; (b) fala um pouco; (c) conta alguns mitos, ou trechos; (d) conhece nomes de plantas; (e) usa palavras de saudação, ou de chamamento; (f) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi; (g) comprehende melhor do que fala; (h) canta algumas músicas; (i) fala algumas palavras e frases; (j) conhece nomes de objetos culturais.

¹² Conferir em Souza (1994, e em outros trabalhos) a discussão sobre o uso do “nós exclusivo”, como marca identitária.

No grupo de adultos jovens, o que mais sobressai é a opção pela resposta (i) fala algumas palavras e frases. 82% dos consultores têm, a nosso ver, uma boa fluência na língua, no sentido de pronunciar frases e palavras, isso garante, até certo ponto, poder se comunicar em Macuxi com outros falantes, mantendo um nível de interlocução. Os dois índices registrados – uso de palavras de saudações e chamamento (64%) e saber cantar músicas (55%) – agregados ao índice anterior fortalecem o nível de fluência do Macuxi. Até o momento, essa amostragem nos diz que, de fato, por imposição são usuários do português, mas, por uma postura de confronto, são falantes do Macuxi e que contribuem a sua fluidez.

Sobre a fluidez das línguas, podemos recuperar Souza (2022b):

As línguas fluidas são as que podem ser observadas e reconhecidas quando focalizamos os processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidades (significativas) de análise, no contexto de sua produção. (Orlandi e Souza, 1988)

A língua fluida não pode ser contida no conjunto de normas e sistematizações. Por isso, as línguas se silenciam, mas ressoam na memória de todos aqueles que um dia tiveram contato com a sua materialidade física. (Souza, 2020)

Por fim, mais uma vez assinalamos a fluência da língua cantada nos dois grupos focados até agora - 31% no grupo 1 e 55% no grupo 2. Persiste nos cânticos o desejo de cantar e ouvir a língua materna.

QUADRO 5 – RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE SILENCIAMENTO DA LÍNGUA

	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)
1	X				
2	X				
3	X	X			
4	X				
5	X				
6			X		
7		X	X	X	
8			X		
9	X				
10		X	X		
11	X	X			

(a) criação fora da comunidade; **(b)** imposição de internatos religiosos; **(c)** decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou punidos pelas entidades religiosas; **(d)** imposição das igrejas; **(e)** não respondeu

Para esse grupo de adultos, o silenciamento gradativo da língua se dá a partir do instante em que a família passa a viver em contexto urbano: 64% dos entrevistados atribuem o silenciamento da língua à criação fora da comunidade. É pertinente ressaltar esse dado, pois não é só a língua que se silencia, mas toda uma gama de saberes, crenças, valores morais, ritos e práticas culturais. Pelos dados do Censo IBGE 2022, “cerca de 53,97% (ou 914.746 pessoas) da população indígena residem em áreas urbanas, enquanto 46,03% (ou 780.090 indígenas) moram em áreas rurais”¹³. A tendência é que esse deslocamento aumente cada vez mais.

**Quadro 6 – IMPORTÂNCIA E
NECESSIDADE DE UM PROJETO
DE REVITALIZAÇÃO DA
LÍNGUA MACUXI**

11 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 21 ANOS a 40 ANOS		
	SIM	Não
1	X	
2	X	
3	X	
4	X	
5	X	
6	X	
7	X	
8	X	
9	X	
10	X	
11	X	

Entre o grupo de adultos, todos confirmam a necessidade de investir num projeto de (re)vitalização da língua Macuxi. Falta verificar as justificativas.

¹³ Cf: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em 21/12/2024, às 17:17

SD 3

(x) sim,

Para a valoração da nossa cultura e identidade, para mantermos viva nossa língua materna.

Sim, pois é de grande importância, não se trata só de uma língua e uma cultura, por em prática ajudaria a manter.

A importância da Língua Macuxi para os nossos descendentes valoriza a nossa cultura e enriquece os nossos conhecimentos.

Estamos esquecendo a nossa língua materna e com isso aos poucos a nossa própria identidade.

Para que a cultura e língua seja mantido.

Pois hoje nas comunidades são poucos os falantes e também uma forma de resgatar a cultura e tradições.

Porque resgata a cultura do nosso povo Macuxi, e valoriza a língua.

Para valorizar a nossa língua, cultura e identidade.

[Não respondeu].

A revitalização da língua Macuxi é de suma importância pois é um resgate da própria identidade.

É um resgate da cultura.

Assim como no grupo anterior, todos reconhecem a importância e a necessidade de se implementar um projeto de política de língua *dos indígenas*, como já dissemos acima. Se há vontade política para se investir na (re)vitalização da língua, que assim se faça, com base nos argumentos que vimos recolhendo até agora.

De um modo amplo, a análise das **SDs** acima aponta ganhos essenciais com um projeto de revitalização linguística com o resgate ou valorização e manutenção da “nossa cultura e língua”. O que vai “enriquecer os nossos conhecimentos”, “manter viva a nossa língua materna”, uma vez transmitida a “nossos descendentes”. Todas essas falas ressoam a posição-sujeito Macuxi que tem consciência do trabalho da língua na constituição da própria identidade etno-discursiva: “Estamos esquecendo a nossa língua materna e com isso aos poucos a nossa própria identidade.”

Mais uma vez, na análise das falas de jovens adultos registramos o uso de um “nós exclusivo”, marcando uma filiação identitária historicamente constituída pela forma como, de fato, funciona a organização social de um povo originário.

4.3 A fluência do Macuxi entre os adultos com mais vivência

QUADRO 7 - GRAU DE FLUÊNCIA NA LÍNGUA MACUXI

12 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 41 ANOS ou Mais

	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)
1									X	
2				X				X	X	
3	X	X			X				X	
4					X			X	X	
5									X	X
6					X					
7		X		X				X		X
8					X			X	X	
9				X	X			X	X	X
10					X	X	X	X	X	X
11					X	X			X	X

(a) fala corretamente; (b) fala um pouco; (c) conta alguns mitos, ou trechos; (d) conhece nomes de plantas; (e) usa palavras de saudação, ou de chamamento; (f) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi; (g) comprehende melhor do que fala; (h) canta algumas músicas; (i) fala algumas palavras e frases; (j) conhece nomes de objetos culturais.

No grupo dos adultos mais velhos, o perfil do primeiro consultor se destaca dos demais. As duas opções não assinaladas – comprehende melhor do que fala e fala algumas palavras e frases – estão de acordo com o seu perfil de falante fluente. Trata-se da professora da escola da comunidade, que vem investindo no aperfeiçoamento do Macuxi pelos mais jovens. Ter essa profissional no trabalho da recuperação da fluência da língua pode ser o primeiro passo para pôr em prática um trabalho de (re)vitalização do Macuxi.

Quanto ao perfil dos demais consultores, verificamos que a maioria marca as opções (h) e (i): canta algumas músicas e fala algumas palavras e frases. 67% dos consultores escolheram essas opções. A análise dos dados desses consultores mostra que o perfil deles se contrapõe, por uma relação de espelho, com o perfil da professora, que, em verdade, essas são as únicas opções não assinaladas por ela. Ao mesmo tempo, esses dados explicitam que o Macuxi está longe de vir a ser uma língua totalmente silenciada. Considerando, ainda, que a opção (e) foi a terceira mais marcada, com 50% de escolhas, indicando o uso de palavras de saudação e chamamento, podemos afirmar que o Macuxi preenche um nível significativo de interação – quando a comunidade se junta

nos momentos de canto – e de interlocução com o uso de saudações e o conhecimento prático de palavras e frases.

Podemos, assim, pensar que o Macuxi é uma língua em movimento no dia a dia da comunidade, o que pode vir a garantir não só a sua fluência plena, como também vir a ser a principal justificativa para se engendar um projeto em prol da vivência da língua, da cultura, dos saberes, etc. Mais uma vez, assinalamos a importância da língua cantada.

**QUADRO 8 – RAZÕES PARA O ESTÁGIO DE
SILENCIAMENTO DA LÍNGUA**

	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)
1		X			
2		X			
3				X	
4		X			
5		X	X	X	
6	X		X		
7		X			
8					X
9		X			
10			X		
11	X				
12		X	X		

**12 CONSULTORES
FAIXA ETÁRIA – 41 ANOS ou Mais**

(a) criação fora da comunidade; (b) imposição de internatos religiosos; (c) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou punidos pelas entidades religiosas; (d) imposição das igrejas; (e) não respondeu

A análise do Quadro 8, sobre as causas para o silenciamento progressivo da língua, deixa clara a postura de violência dos internatos religiosos em proibir o uso da língua materna: 58% dos consultores desse grupo assinalam essa opção. Uma prática de séculos, registrada desde o início da colonização e que se mantém até os dias atuais, não necessariamente pelos internatos, mas sim pela presença das igrejas coercitivas que, cada vez mais, invadem o território indígena.

A outra opção mais assinalada (33%) - decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou punidos pelas entidades religiosas – mais uma vez denuncia a constância da violência –

quantas vezes física, e quantas vezes simbólica, e até hoje se constitui como prática contumaz. Casos que continuam a acontecer por omissão do Estado. Mas, como diz Pêcheux: não há luta sem resistência. Um dos elementos de resistência está na manutenção da língua.

**Quadro 9 - IMPORTÂNCIA E
NECESSIDADE DE UM PROJETO DE
REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MACUXI**

12 CONSULTORES FAIXA ETÁRIA – 41 ANOS ou Mais		
	SIM	Não
1	X	
2	X	
3	X	
4	X	
5	X	
6	X	
7	X	
8	X	
9	X	
10	X	
11	X	
12	X	

Chegamos ao terceiro grupo entre 36 entrevistados, e verificamos que todos apoiam a iniciativa de projetos para garantir a vivência da língua Macuxi. Passemos a enumerar as justificativas.

SD 4

(x) sim,

Para manter a língua.

Para se ensinar a cultura.

Para não deixar morrer as que ainda existem em algumas comunidades.

Para ensinar os nossos netos que ainda vão nascer.

É muito importante para a comunidade a cultura do povo Macuxi.

Hoje na nossa comunidade, temos muitas crianças a aprender a nossa língua, para seu futuro e aprendizado delas.

Somos indígenas, temos que aprender a falar nossa língua.

Porque muitos não tiveram oportunidade de aprender com seus pais, porque eles também não sabiam falar a língua, outros não tem recursos financeiros para fazer o curso.

Que é uma língua bonita, não morrer nossa cultura, identidade.

Porque é a nossa cultura, transmitir a nossa língua para os jovens aprenderem.

Para aprender a língua é importante para o povo Macuxi.

Porque somos Macuxi.

Pois hoje nas comunidades são poucos os falantes e também uma forma de resgatar a cultura e tradições.

Porque resgata a cultura do nosso povo Macuxi, e valoriza a língua.

Para valorizar a nossa língua, cultura e identidade.

[Não respondeu].

A revitalização da língua Macuxi é de suma importância pois é um resgate da própria identidade.

É um resgate da cultura.

Pelos depoimentos dos grupos de três faixas etárias diferentes aqui analisados, se refirmam posições-sujeito recorrentes: o desejo de manutenção da língua, da cultura; a necessidade e importância de implantação de uma política de língua pensada e realizada pelos membros da comunidade e a vontade de deixar a língua Macuxi plena em sua fluência para as gerações futuras. Quanto às opções mais assinaladas, estas recobrem “fala algumas palavras e frases”; “usa palavras de saudações, ou de chamamentos” e “canta algumas músicas”. O conjunto majoritário dessas opções no leva a afirmar que a “nossa língua Macuxi” se materializa no dia a dia da nossa comunidade. Afinal, como diz um dos nossos consultores: “Somos indígenas, temos que aprender a falar nossa língua!”

5 Conclusão

Por que as línguas são silenciadas? Essa é a questão que formulei logo no início do trabalho com relação ao Macuxi quando coloquei em causa: “eu fico muito me perguntando se na minha comunidade nós temos línguas silenciadas ou temos línguas mortas, ou língua morta?”

Com o desenrolar do trabalho, descobri que as línguas não morrem, assim como nós estamos aqui, apesar da história de confronto e violência imposta a nós indígenas. Mas como não há dominação sem resistência, as línguas resistem de várias formas.

Os depoimentos colhidos com nossas entrevistas nos levam a concluir sobre as muitas formas de resistência e, consequentemente, nos levam a entender as muitas das razões do silenciamento, raiz principal na base da resistência.

O confronto deixa marcas dolorosas, marcas de recalque, mas são marcas que se materializam no discurso indígena e que denunciam a violência. Durante o período de coleta de dados, fui anotando falas de alguns dos consultores que, além de responder as nossas questões, traziam vários comentários, no sentido de em certo alcance justificar suas respostas, ou para justificar o porquê da nossa língua não ter uma fluência plena em nossa comunidade. Relendo esses relatos, buscamos interpretá-los na ordem do discurso. São falas dos consultores com mais idade.

Um senhor assinala a opção de “sabe algumas palavras soltas”. Acrescenta que saiu “muito jovem de casa”, mas “por falta de interesse não aprendeu a língua. “Meu pai falava fluentemente.” Alguns adultos jovens disseram não falar a língua, por falta de incentivo dos mais velhos.

A falta de incentivo se associa à falta de interesse, mas, a meu ver, esses não são gestos voluntários: havia, e há até hoje, muita discriminação com relação aos indígenas. Uma discriminação, que pode ser entendida com base em Pêcheux (1990), como um acontecimento discursivo: o encontro de uma memória com uma atualidade. Uma consultora, também na faixa etária dos mais velhos, diz saber poucas palavras, mas fala orgulhosa do filho “que sabe cantar, sabe palavras e não se sente envergonhado”. Essa postura remete à forma como Souza define em seus trabalhos a forma-sujeito-indígena: aquele que se conhece e se reconhece como indígena, “que usa colar, cocar e pinturas com urucum e jenipapo” – como diz essa mãe orgulhosa – e que fala Macuxi.

Aos poucos, é preciso vencer o preconceito e a discriminação, fatos que atravessam a história dos povos originários. Uma outra senhora, a mais idosa da nossa comunidade, nos conta que sabe falar “algumas palavras em gíria”, termo que repete

sempre que se refere à língua Macuxi. Como disse antes, acho que é muito forte o termo “gíria” usado por ela. Sinal de que no passado, era grande a pressão para que ela tivesse vergonha da sua língua e a silenciasse. Fato que ela não esquece e que agora denuncia toda forma de opressão e violência que sofreu.

Esse tipo de violência acaba por gerar a censura, tanto do opressor quanto do oprimido. Um senhor nos relata que, quando seus pais falavam em Macuxi pediam para as crianças saírem para ir brincar e que somente os mais velhos podiam falar Macuxi. “Talvez por isso não aprendi”, diz ele. Discursivamente, podemos entender esse gesto de censura como um gesto de proteção, como se agindo assim possa evitar “todo o mal” que acarreta falar a língua, a gíria.

Trazemos ainda de volta aqui duas situações, as quais pode-se dizer que ilustram uma grande contradição. É o caso de duas senhoras que estudaram em internatos religiosos.

Uma que estudou num internato em Boa Vista e quando retorna à comunidade é chamada para dar aula de português. Só podia falar em português, quando dizia “tuna” era repreendida e só podia falar ‘água’. Não aprendeu a falar o Makuxi fluentemente, mas hoje pede ao neto que leia nomes e cante cantos em Macuxi para ela ouvir. Por só poder falar português, perdeu a memória da língua, mas não perdeu a memória de pertencimento à língua.

Uma outra senhora estudou no Internato São José. Lá ela via que quem falasse a língua era punido e por isso só sabe algumas palavras soltas e cantos. Mas, hoje, “os padres chamam a atenção porque não falamos o Macuxi, mas ele esquece que já proibiram no passado. E que agora que já estamos velhos não vamos mais aprender.”

O relato dessas duas senhoras traz muita coisa para se refletir. Quando o padre repreende pelo fato de não falarem a língua realiza o que chamamos teoricamente de ‘esquecimento voluntário’. Culpa a nós indígenas pelo resultado da violência praticada contra nós. Uma violência que parece ainda doer na fala daqueles que sofreram com o desrespeito e com a punição que recebiam por serem indígenas, por serem julgados como *o outro*.

Respondendo à questão que abre essa conclusão, o Macuxi é uma língua parcialmente silenciada. Pela amostragem dos nossos dados, as opções mais assinaladas são “fala algumas palavras e frases”, “usa palavras de saudações, ou de chamamentos” e “canta algumas músicas”. Esse resultado reflete aproximadamente 1/5 dos indivíduos da Comunidade São Jorge, o que nos leva a arrematar as seguintes conclusões: o Macuxi é fluente nas situações de interlocução, comunicação e de reafirmação da cultura do povo. As línguas, quando silenciadas, não se calam, não

morrem, migram para serem ouvidas sempre que se diz o nome próprio da etnia; quando se diz “tuna”, em vez de “água”; quando se invoca os protetores espirituais Insikiran e Maruwai, em vez qualquer outra entidade sagrada; ou quando se celebra a vida com cânticos Macuxi.... São essas as práticas – que, teoricamente, são conceituadas como práticas políticas e ideológicas – que sustentam a memória das línguas e dos povos de oralidade. Somos indígenas e temos que nos identificar como falantes de Macuxi e, por questões de uma história alheia à nossa vontade, nos reafirmamos usuários do português.

Por fim, todas as falas que foram ouvidas e registradas nesse trabalho repercutem o desejo de um projeto em prol do fortalecimento da língua Macuxi. As línguas originárias merecem que se lute por elas!

Referências bibliográficas

- ABOTT, Miriam. Estrutura oracional da língua Macuxi. **Série Linguística** 5. Brasilia: SIL, 1976
- ADELAAR, Willem F.H.; Brijnen, Hélène B. Johann Natterer and the Amazonian languages. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 6, n.2, dezembro/2014
- BONFIM, Fábio. **Ergatividade e sistemas de alinhamentos em Línguas Indígenas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022
- CARSON, Neusa. Recentes desenvolvimentos em Macuxi (Caribe). **Caderno de Estudos Linguísticos** 4, 1983
- COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias – Revista de estudos do discurso, imagem e som**. n. 1, vol.1, julho, 2016
- DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey. Object-initial languages. **IJAL** 47, 1981
- DIAS, Juciele Pereira et al. As línguas brasileiras na BNCC: entre o real da história e a fabricação do consenso. In: FRAGOSO, Élcio Aloisio et al (orgs). **Conhecimento, ensino e Política de línguas na Amazônia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- FIOROTTI, Devair Antônio; SILVA, Terêncio Luiz. **Panton Pia': Eremukon do circum-Roraima**. Cantores Manaaka e Yauyo 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Museu do Índio, 2018.
- GADET Françoise. Prefácio. In: Gadet, F.; Hak, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Tradução: Bethania Mariani; Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004
- DONELL, Pe. Ronald. **Makusipe keremeto'pe awanî**. Boa Vista, RR: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni. **Política linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni. Espaços linguísticos e seus desafios: convergências e divergências. **Rua**. n. 18, v. 2, 2012
- ORLANDI, Eni.; SOUZA, Tania Conceição Clemente de. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni (org.) **Política linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1975.

- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 1980.
- PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni. (org.). **Análise de Discurso**. Michel Pêcheux (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi). Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- ROSA, R. P. S.; SOUZA, T. C. C. de. Política linguística, plurilinguismo e consenso. **Revista Interfaces**. Vol. 10 n. 2, p. 113-122. 2019
- SANTILLI, Paulo. **Fronteiras da República**: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco. São Paulo, SP: EDUSP/FAPESP, 1994
- SANTOS, Eneida Alice Gonzaga dos. **A interlíngua dos tukano no processo de aquisição do Português como língua adicional**: o portukano. 2024 Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024
- SILVA, Maria Georgina dos Santos e Pinho. **Filigranas de vozes...** Performance dos narradores e o jogo de significados nas narrativas orais indígenas da comunidade São Jorge. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Roraima, 2013
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. **Discurso e Oralidade** - um estudo em língua indígena. 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 1994
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Língua nacional e materialidade discursiva: a influência do tupi. In: MELLO, Heliana et. all (org). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2011.
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Sociolinguística e Análise de Discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JR., Celso. **Sociolinguística, sociolinguística** - uma introdução. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2016
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Política linguística, política de línguas indígenas e identidade discursiva. Conferência de abertura do GT de Línguas Indígenas. Londrina, PR: **XXXV ENANPOLL**, 2020
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Línguas indígenas, fronteiras e silenciamento. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. v. 24, n. 48, julho/2021
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Política Linguística, Política de Línguas Indígenas e línguas silenciadas. In: Figueiredo, Alexandra A. de A. et al. (orgs) **Políticas Linguísticas e as línguas indígenas brasileiras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022a
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Povos originários: entre a língua de direito e o direito à língua. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. v.26, dez/2022b.
- SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Revitalização e línguas silenciadas: voltar a que língua? Conferência. Mesa Redonda I Povos originários e relações de poder: sujeitos e línguas silenciadas. Recife, PE: **XI SEAD - Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 2023

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Revitalização e línguas silenciadas: voltar a que língua? **Revista Leitura** n. 83, dezembro 2024a

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Políticas de escrita, políticas de pesquisa e línguas em confronto. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa; ESTEVES, Phelipe Marcel da Silva. **Estudos de linguagem:** (re)construindo políticas de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024b.

VOEGLIN, Charles Frederick; VOEGLIN, Florence Marie. **Classification and Index of the world's language.** New York, Oxford: Elsevier, 1977

Sítio:

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>

Anexo I
Modelo de entrevista elaborado por nós

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. _____

Consultor: _____

Idade:

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | () canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | () fala algumas palavras e frases |
| () conhece nomes de plantas | () conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---------------------------------------|
| () criação fora da comunidade | () imposição das Igrejas |
| () imposição dos internatos religiosos | |
| () decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | () punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---------|---------|------------|
| () sim | () não | () talvez |
|---------|---------|------------|

Justifique a sua resposta: _____

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, ____ / ____ / ____

Assinatura:

**Anexo II
Entrevistas**

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 02

Consultor: Sandro Santos

Idade: 22

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: Sim, pois é de grande importância, não se trata só de uma língua é uma cultura e pôr em prática ajudaria a manter

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 03/12/2024

Assinatura: Sandro dos Santos Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani dos Santos Barbosa

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 05

Consultor: Yeydaianne Aquino de Pinho.

Idade: 39 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- (fala corretamente) comprehende melhor do que fala
(fala um pouco) canta algumas músicas
() conta alguns mitos, ou trechos (fala algumas palavras e frases)
() conhece nomes de plantas (<) conhece nomes de objetos culturais
(usa palavras de saudação, ou de chamamento) (<)
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi.

- (criação fora da comunidade) (<) imposição das Igrejas
(imposição dos internatos religiosos)
() decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou (<) punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- (sim) (<) não) (<) talvez

Justifique a sua

resposta: A importância da língua Macuxi para os nossos descendentes valoriza a nossa cultura e enriquecerá os nossos conhecimentos.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Yeydaianne Aquino de Pinho.

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 24

Consultor: Dilma B. Souza

Idade: 35

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Para valorizar a nossa língua, cultura e identidade.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Dilma Barbosa de Souza

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 01

Consultor: Irani Barbosa

Idade: 32

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Para a valorização da nossa cultura e nosso folclore, para mantermos vivas as nossas línguas maternas.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 03/11/2024

Assinatura: Irani Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 16

Consultor: MILTONIA DE SOUZA OLIVEIRA

Idade: 28

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas mÙsicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | () fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- sim não talvez

Justifique a sua resposta:

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge | 3 / 24

Assinatura:

misiones de Santa Bárbara Ollinipan

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 31

Consultor: Francinny Barbosa dos Santos

Idade: 34

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input checked="" type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: A revitalização da língua Macuxi é de suma importância pois é um resgate da própria identidade

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Francinny Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 32

Consultor: Pâmela Francisca da Silva

Idade: 31

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: e um resgate de cultura

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/24

Assinatura: Pâmela Francisca da Silva

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 06

Consultor: Sandy Saionana

Idade: 23

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | (X) canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | (X) fala algumas palavras e frases |
| () conhece nomes de plantas | () conhece nomes de objetos culturais |
| (X) usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---------------------------------------|
| (X) criação fora da comunidade | () imposição das Igrejas |
| () imposição dos internatos religiosos | |
| () decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | () punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---------|---------|------------|
| (X) sim | () não | () talvez |
|---------|---------|------------|

Justifique a sua resposta: Estamos estabelecendo a nossa língua materna e com isso vamos preservar a nossa própria identidade.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 10/12/2024

Assinatura: Sandy Saionana dos Santos Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 07

Consultor: Karina dos Santos Meirel

Idade: 28

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente () comprehende melhor do que fala
() fala um pouco () canta algumas músicas
() conta alguns mitos, ou trechos (X) fala algumas palavras e frases
() conhece nomes de plantas (X) conhece nomes de objetos culturais
() usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- criação fora da comunidade () imposição das Igrejas
() imposição dos internatos religiosos
() decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou () punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

X) sim

() nāo

() talvez

Justifique a sua resposta:

Justifique a sua resposta: Para que a cultura e
língua sejam mantidas.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge 10/12/2021

Assinatura: Kayana dos Santos Lucena

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 08

Consultor: Sébastião Barbosa dos Santos

Idade: 24

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input checked="" type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: Pois vivem nas comunidades
não falam mais e também é uma forma de
resgatar a cultura e tradições.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura: Sébastião Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. *Kathia Díaz dos Santos* 25

Consultor: Kodjip Djepp dos Santi

Idade: 33

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente () comprehende melhor do que fala
() fala um pouco canta algumas músicas
() conta alguns mitos, ou trechos fala algumas palavras e frases
 conhece nomes de plantas conhece nomes de objetos culturais
 usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- () criação fora da comunidade imposição das Igrejas
 imposição dos internatos religiosos
 decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou () punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

sim

() não

() talvez

Justifique a sua resposta: Porque respeita a cultura do
novo povo moçábele e valoriza a língua.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Rodrigo Díez dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 13

Consultor: Karine Soraya B. Silva

Idade: 07

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Para falar seu makuxi

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura:

Cláudia da Silva

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Índigenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. Mateus Henrique de S. B. 26

Consultor: Matheus Henrique de S. B.

Idade: 18

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- fala corretamente comprehende melhor do que fala

fala um pouco canta algumas músicas

conta alguns mitos, ou trechos fala algumas palavras e frases

conhece nomes de plantas conhece nomes de objetos culturais

usa palavras de saudação, ou de chamamento ()

conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- criação fora da comunidade imposição das Igrejas
 imposição dos internatos religiosos
 decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem
discriminados ou punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessária a revitalização da língua Macuxi? Por quê?

sim não talvez

Justifique a sua resposta: Porque, nesse exercício todos falaram e com o passar do tempo essa errei da língua maturou bem achando, e todos nos temos que corrigir essa nossa função que é aprender língua matusei

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Mateus Henrique de Souza B.

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 27

Consultor: Nicolas de Souza Barbosa

Idade: 10

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Dava uma chance a nossa interação

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Irani Barbosa de Souza

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no: Ryam Victor B. de Souza 28

Consultor: Ryam Victor B. de Souza

Idade: 15 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | (X) comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | () canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | () fala algumas palavras e frases |
| () conhece nomes de plantas | () conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---------------------------------------|
| (X) criação fora da comunidade | () imposição das Igrejas |
| () imposição dos internatos religiosos | |
| () decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | () punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---------|---------|------------|
| (X) sim | () não | () talvez |
|---------|---------|------------|

Justifique a sua resposta: que seria um projeto muito bom
para comunidade é tanto quanto quanto os mais velhos
vão se interessar por esse projeto.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 11/12/14

Assinatura: Irani Barbosa de Souza

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 17

Consultor: WELLISON GABRIEL S. OLIVEIRA

Idade: 50

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> fala corretamente | <input type="checkbox"/> comprehende melhor do que fala |
| <input checked="" type="checkbox"/> fala um pouco | <input checked="" type="checkbox"/> canta algumas músicas |
| <input checked="" type="checkbox"/> conta alguns mitos, ou trechos | <input checked="" type="checkbox"/> fala algumas palavras e frases |
| <input checked="" type="checkbox"/> conhece nomes de plantas | <input type="checkbox"/> conhece nomes de objetos culturais |
| <input type="checkbox"/> usa palavras de saudação, ou de chamamento | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | <input type="checkbox"/> |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> criação fora da comunidade | <input type="checkbox"/> imposição das Igrejas |
| <input type="checkbox"/> imposição dos internatos religiosos | |
| <input checked="" type="checkbox"/> decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | <input type="checkbox"/> punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|------------------------------|---------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não | <input type="checkbox"/> talvez |
|---|------------------------------|---------------------------------|

Justifique a sua resposta: _____

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura:

Ronilda Vieira Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 14

Consultor: Lucélia Rodrigues da Silva

Idade: 12

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Pro não deixa a língua makuxi morrer.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura: Clemilde da Silva

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani dos Santos Barbosa

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 03

Consultor: matheus figueira luiz

Idade: 15

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> fala corretamente | <input type="checkbox"/> comprehende melhor do que fala |
| <input type="checkbox"/> fala um pouco | <input type="checkbox"/> canta algumas músicas |
| <input type="checkbox"/> conta alguns mitos, ou trechos | <input checked="" type="checkbox"/> fala algumas palavras e frases |
| <input checked="" type="checkbox"/> conhece nomes de plantas | <input type="checkbox"/> conhece nomes de objetos culturais |
| <input type="checkbox"/> usa palavras de saudação, ou de chamamento | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | <input type="checkbox"/> |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi.

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> criação fora da comunidade | <input checked="" type="checkbox"/> imposição das Igrejas |
| <input type="checkbox"/> imposição dos internatos religiosos | |
| <input type="checkbox"/> decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | <input type="checkbox"/> punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não | <input checked="" type="checkbox"/> talvez |
|------------------------------|------------------------------|--|

Justifique a sua

resposta: talvez. Porque a nossa comunidade tem poucas pessoas que falam macuxi na nossa rotina nos tem que aprender a falar português indígena bairrada de macuxi em dia os tornei a opinião sobre como é os sítios em macuxi.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 01/12/2024

Assinatura: Matheus figueira luiz

Hudete Ambrosio Figueiro

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 04

Consultor: Lucas Henrique

Idade: 13

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | () canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | <input checked="" type="checkbox"/> fala algumas palavras e frases |
| () conhece nomes de plantas | () conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento <input checked="" type="checkbox"/> | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | () |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> criação fora da comunidade | () imposição das Igrejas |
| () imposição dos internatos religiosos | |
| () decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | () punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|---------|------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> sim | () não | () talvez |
|---|---------|------------|

Justifique a sua resposta: Porque para nossa comunidade
continuar falando a língua macuxi

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 7/12/2024

Assinatura:

Irani Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 33

Consultor: Paloma Raphaela da Silva Santos

Idade: 15 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: Um projeto de revitalização da cultura macuxi, é essencial para que podemos aprender mais sobre a língua macuxi

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Irani Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 34

Consultor: Maria Lucia da Silveira Santos

Idade: 10 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | (X) canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | () fala algumas palavras e frases |
| (X) conhece nomes de plantas | (X) conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (X) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---------------------------|
| () criação fora da comunidade | () imposição das Igrejas |
| (X) imposição dos internatos religiosos | |

() decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou () punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---------|---------|------------|
| (X) sim | () não | () talvez |
|---------|---------|------------|

Justifique a sua resposta: Por que é importante a língua
Cultura e importante Pelos os alunos Da
Comunidade.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Irani Barbosa dos Santos


Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade
Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 35

Consultor: José Francisco da Silva Santos

Idade: 10 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> fala corretamente | <input checked="" type="checkbox"/> comprehende melhor do que fala |
| <input checked="" type="checkbox"/> fala um pouco | <input type="checkbox"/> canta algumas músicas |
| <input type="checkbox"/> conta alguns mitos, ou trechos | <input checked="" type="checkbox"/> fala algumas palavras e frases |
| <input type="checkbox"/> conhece nomes de plantas | <input checked="" type="checkbox"/> conhece nomes de objetos culturais |
| <input type="checkbox"/> usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| <input type="checkbox"/> conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> criação fora da comunidade | <input type="checkbox"/> imposição das Igrejas |
| <input type="checkbox"/> imposição dos internatos religiosos | |
| <input type="checkbox"/> decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | <input type="checkbox"/> punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|------------------------------|---------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não | <input type="checkbox"/> talvez |
|---|------------------------------|---------------------------------|

Justifique a sua resposta: porque muitos não sabem
porque é a nossa cultura porque queremos
aprender mais sobre a língua macuxi
porque queremos de palavras a nossa língua por isso

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Franciny Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 36

Consultor: Carlos Rafael da Silva Santon
Idade: 13

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| () fala corretamente | () comprehende melhor do que fala |
| () fala um pouco | (X) canta algumas músicas |
| () conta alguns mitos, ou trechos | (X) fala algumas palavras e frases |
| (X) conhece nomes de plantas | () conhece nomes de objetos culturais |
| () usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| () conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| (X) criação fora da comunidade | (X) imposição das Igrejas |
| (X) imposição dos internatos religiosos | |
| () decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | () punidos pelas entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---------|---------|------------|
| (X) sim | () não | () talvez |
|---------|---------|------------|

Justifique a sua resposta: Dim pana preservan as tradições e a sua cultura

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 18/12/2024

Assinatura: Irani Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 15

Consultor: Crisia Gabriele de S. Oliveira

Idade: 11 anos

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> fala corretamente | <input checked="" type="checkbox"/> comprehende melhor do que fala |
| <input checked="" type="checkbox"/> fala um pouco | <input checked="" type="checkbox"/> canta algumas músicas |
| <input type="checkbox"/> conta alguns mitos, ou trechos | <input checked="" type="checkbox"/> fala algumas palavras e frases |
| <input type="checkbox"/> conhece nomes de plantas | <input type="checkbox"/> conhece nomes de objetos culturais |
| <input type="checkbox"/> usa palavras de saudação, ou de chamamento | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | <input type="checkbox"/> |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> criação fora da comunidade | <input type="checkbox"/> imposição das Igrejas |
| <input type="checkbox"/> imposição dos internatos religiosos | |
| <input type="checkbox"/> decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | <input type="checkbox"/> punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|------------------------------|---------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não | <input type="checkbox"/> talvez |
|---|------------------------------|---------------------------------|

Justifique a sua resposta: _____

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura:

+ Ronilda Vaino Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 10

Consultor: Sócio de Souza

Idade: 77

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: para ensinar a cultura

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13 / 12 / 2024

Assinatura:

José de Souza

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 12

Consultor: Jennifice Barbosa

Idade: 74

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pelas entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Ara ensinar os nossos netos que vão nascer.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura:



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 13

Consultor: Marinildes B. dos Santos

Idade: 58

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|---|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pelas entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

() sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: Para não deixar morrer.

As gerações ainda existem em algumas comunidades.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/02/2024

Assinatura: Marinildes Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

**Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada
Política Linguística. Língua Macuxi e Comunidade São Jorge**

Entrevista no. 22

CONSULTOR: MARIA LIMA DOS SANTOS

Idade: 81

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente (X) comprehende melhor do que fala
() fala um pouco () canta algumas mÙsicas
() conta alguns mitos, ou trechos (X) fala algumas palavras e frases
() conhece nomes de plantas () conhece nomes de objetos culturais
() usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

3. – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

sim não talvez

Justifique a sua resposta: QUE É UMA LINGUA BONITA,
NÃO MONTEIE NOSSA CULTURA, IDENTIFIQUE.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/24

Assinatura:



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística. Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 20

Consultor: Jamille dos Santos Barbosa

Idade: 54

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente () comprehende melhor do que fala
() fala um pouco (X) canta algumas músicas
() conta alguns mitos, ou trechos (X) fala algumas palavras e frases
() conhece nomes de plantas () conhece nomes de objetos culturais
(X) usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- criação fora da comunidade imposição das Igrejas
 imposição dos internatos religiosos
 decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

sim não talvez

Justifique a sua resposta: Somos indígenas, Temos que
aprender sobre a nossa cultura.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/11/2024

Assinatura: Vanuzza dos Santos Barbosa

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 18

Consultor: Francisco Barbosa dos Santos

Idade: 72

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input checked="" type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|---|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pelas entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: É muito importante para a comunidade, cultura do povo makuxi.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Francisco Barbosa dos Santos

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 30

Consultor: Dionizia Barbosa de Souza.

Idade: 56

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: Douglas Souza Macuxi,

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 15/12/2024

Assinatura:

Dionizia Barbosa de Souza.

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 29

Consultor: Silvana Crispim Barbosa

Idade: 55

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento (<input type="checkbox"/>) | |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi (<input type="checkbox"/>) | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta: para aprender a língua é importante para o povo makuxi

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 15/12/2024

Assinatura:

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 23

Consultor: Audete Antônio Sio Figueiro

Idade: 46

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento | (<input type="checkbox"/>) |
| (<input type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi | (<input type="checkbox"/>) |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|---|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- () sim () não () talvez

Justifique a sua resposta: porque é a nossa cultura, transmitem a nova língua para os jovens para aprenderem.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura: Audete Antônio Sio Figueiro

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 21

Consultor: Jeanilde Barbosa dos Santos

Idade: 52

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente () comprehende melhor do que fala
() fala um pouco () canta algumas músicas
() conta alguns mitos, ou trechos () fala algumas palavras e frases
() conhece nomes de plantas () conhece nomes de objetos culturais
 usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- criação fora da comunidade imposição das Igrejas
 imposição dos internatos religiosos
 decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem
discriminados ou punidos pela entidades religiosas

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

M sim

() não

() talvez

Justifique a sua resposta: Porque meus pais fizeram

Oportunidade de aprender com seus pais porque
eles também não sabiam falar a língua,
outros não tem recursos financeiros para fazer o curso.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 11/12/2024

Assinatura: Fernando Baeta

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 09

Consultor: Clmilde da Silva

Idade: 41

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- | | |
|--|--|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) fala corretamente | (<input type="checkbox"/>) comprehende melhor do que fala |
| (<input type="checkbox"/>) fala um pouco | (<input checked="" type="checkbox"/>) canta algumas músicas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conta alguns mitos, ou trechos | (<input checked="" type="checkbox"/>) fala algumas palavras e frases |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de plantas | (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece nomes de objetos culturais |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) usa palavras de saudação, ou de chamamento () | |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi () | |

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) criação fora da comunidade | (<input type="checkbox"/>) imposição das Igrejas |
| (<input checked="" type="checkbox"/>) imposição dos internatos religiosos | |
| (<input type="checkbox"/>) decisão dos mais velhos de não repassar a língua, com medo de serem discriminados, ou | (<input type="checkbox"/>) punidos pela entidades religiosas |

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

- | | | |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|
| (<input checked="" type="checkbox"/>) sim | (<input type="checkbox"/>) não | (<input type="checkbox"/>) talvez |
|---|----------------------------------|-------------------------------------|

Justifique a sua resposta:

Para manter a língua

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 13/12/2024

Assinatura: Clmilde da Silva

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Modalidade Profissional – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mestranda: Irani Barbosa dos Santos

Coleta de dados para a realização da Dissertação de Mestrado intitulada Política Linguística, Língua Macuxi e Comunidade São Jorge

Entrevista no. 19

Consultor: uzunha m dos santos Barbosa
Idade: 60

1 - Grau de fluência na língua Macuxi:

- () fala corretamente () comprehende melhor do que fala
() fala um pouco (X) canta algumas mÙsicas
() conta alguns mitos, ou trechos () fala algumas palavras e frases
() conhece nomes de plantas (X) conhece nomes de objetos culturais
() usa palavras de saudação, ou de chamamento ()
() conhece palavras sagradas e de ancestrais sagrados em Macuxi ()

2 – Que razões você considera para entender por que muitos na nossa comunidade não sabem falar o Macuxi?

3 – Você considera importante e necessário pôr em prática um projeto de revitalização da língua Macuxi? Por quê?

Justifique a sua resposta: Fogos na natureza, temor muita, criança a aprender a nossa língua, para o seu futuro e aprendizado deles.

Autorizo a Irani Barbosa dos Santos a usar os dados dessa entrevista na elaboração da sua dissertação de mestrado junto à UFRJ.

Comunidade de São Jorge, 14/12/2024

Assinatura:

Nazin Lamas das Santa Bárbara